

CAROLINA DE FREITAS PEREIRA

**RECRIAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA:
A ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA HERDEIROS DO
BANZO E SUAS ESTRATÉGIAS DE AFIRMAÇÃO
POLÍTICO-CULTURAL**

VIÇOSA - MG
2007

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA – UFV
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES - CCH
DEPARTAMENTO DE ARTES E HUMANIDADES – DAH
CURSO DE GEOGRAFIA**

**RECRIAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA:
A ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA HERDEIROS DO
BANZO E SUAS ESTRATÉGIAS DE AFIRMAÇÃO
POLÍTICO-CULTURAL**

Monografia apresentada ao Departamento de Artes e Humanidades da Universidade Federal de Viçosa como parte das exigências para a conclusão do curso de Bacharelado em Geografia.

Autor: Carolina de Freitas Pereira

Orientador: Prof. Eduardo José Pereira Maia

VIÇOSA - MG
2007

Esta Monografia foi aprovada como requisito parcial à conclusão do curso de Bacharelado em Geografia do Departamento de Artes e Humanidades da Universidade Federal de Viçosa – UFV.

BANCA EXAMINADORA:

Professor Eduardo José Pereira Maia
Orientador

Professor Willer Araújo Barbosa
Avaliador

Professora Maria Isabel de Jesus Chrysostomo
Avaliador

A meus pais, Marli e Elísio,
Por terem dedicado suas vidas inteiramente
A realização dos sonhos de seus filhos.

A meus irmãos, Dudu e Mila,
Pelos carinhos, companheirismo e amizade.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Geografia, por ter me proporcionado o conhecimento necessário a minha formação, não somente enquanto profissional comprometido, mas enquanto pessoa socialmente atuante, responsável e esperançosa.

Aos integrantes da Associação Quilombola Herdeiros do Banzo, por terem acreditado no trabalho que realizamos conjuntamente. E, principalmente, por terem me dado a possibilidade de vivenciar momentos concretos da organização popular coletiva em favor da mudança social.

Ao Eduardo, por ter compartilhado comigo suas experiências como educador engajado e reflexivo. Também, por ter escutado minhas angústias, que com muita prosa transformaram-se sempre em motivações positivas para a continuidade do trabalho

À Camila, Favelinha, Quequel e Bella, amigos de ligação e carinho imensuráveis, com os quais, em sala de aula, no Centro Acadêmico, no bar, encontros... vivi momentos que me fazem sentir hoje mulher, negra, geógrafa; com personalidade e postura crítica e positiva perante a vida.

À Hêlo, Mara, Maira, Jú, Camilo, Humberto, Raca, Lú, Rubana e Monize; irmãos queridos, pela paciência por terem me aturado esses anos, pelas palavras carinhosas, pelos almoços deliciosos, broas, sopas, e cafunés. Mistura que fez de nossas casas os melhores e mais aconchegantes lugares do mundo.

Ao amigo e companheiro de trabalho Juliano, que durante esses dois últimos anos se dedicou as realizações do Grupo Etnia sempre sorrindo, com competência, prazer e paciência, nos nossos longos momentos de espera ou afazeres no Departamento de Artes e Humanidades.

À Capoeira Angola, que através de seus fundamentos e filosofia, construídos na luta pela liberdade de um povo, me ensinou a ver o mundo com o olhar da resistência e da transformação, possíveis somente na caminhada em conjunto. Esta que se deu, pelo aprendizado da amizade proporcionado por todos aqueles que fazem parte da família angoleira, em especial ao Dani, Broca, Rastinha, Rui, Castor, Matheus e às crianças do Morro do Escorpião.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	vi
RESUMO	vii
EPÍGRAFE	viii
INTRODUÇÃO	1
Capítulo 1 – A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL	5
1.1 - Criação da unidade étnico-cultural brasileira.	5
1.2 - Processo de resistência étnico-cultural dos povos negros: a recriação das tradições Africanas e Afro-Brasileiras	6
1.3 - A legitimação da diferença como desigualdade: o debate sobre raça	7
1.4 - O contexto de formação de identidades étnicas: a etnia como posicionamento de afirmação político-cultural	8
Capítulo 2 – IDENTIDADE E TERRITORIALIZAÇÃO	13
2.1 - A formação do território nacional: a conscientização da desigualdade	13
2.2 - Quilombos e Quilombolas: os territórios da resistência	14
2.3 - A força política da comunidade na produção da territorialidade	15
Capítulo 3 – A ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA HERDEIROS DO BANZO (AQHB): TRAJETÓRIA DE RESISTÊNCIA CULTURAL E TRANSFORMAÇÕES NA COMUNIDADE	22
3.1 - Surgimento e atividades da AQHB	22
3.2 – A AQHB e o Bairro de Fátima	33
Considerações finais	38
Referências Bibliográficas	41
Anexos	43
1. Ata de Posse da Diretoria da Associação	43
2. Cadastro da Associação	46
3. Integrantes da Associação tomando posse como membros do Conselho Municipal pela Igualdade Racial	47

4. Destaques da Associação nos jornais de Ponte Nova	48
5. Fragmentos que falam sobre o diálogo entre a Igreja e a Associação	50

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Reportagem sobre pesquisa social na periferia de Ponte Nova	22
Figura 2. Mapa da cidade de Ponte Nova	23
Figura 3. Crianças do projeto Akatu êre tocando os ritmos afro	28
Figura 4. Atividade lúdica do projeto Akatu êre	29
Figura 5. Apresentação da Cantoria Irmandade Bantu	31
Figura 6. Texto trabalhado no Ciclo Cultural	32
Figura 7. Exposição dos produtos da Retalharte	33
Figura 8. Recorte de jornal retratando exposição da Retalharte	33

RESUMO

Serão analisadas neste trabalho algumas das formas contemporâneas de resistência étnico-cultural dos povos negros no Brasil e suas influências nas transformações da dinâmica territorial. O foco de discussão da pesquisa se dá em torno das estratégias de reprodução cultural e territorial da Associação Quilombola Herdeiros do Banzo, que se localiza no bairro de Fátima, periferia da cidade de Ponte Nova.

Para um melhor entendimento da questão abordada, o trabalho foi dividido em capítulos que facilitarão a interpretação do texto. O primeiro capítulo traz a discussão sobre a questão étnico-racial no Brasil; as formas de manutenção das tradições de descendência africana, o contexto de formação das identidades étnicas como resposta à exclusão de sua cultura. No segundo capítulo é feito o debate sobre as formas de territorialização dos grupos étnicos, entendendo que o negro se fez historicamente agente da transformação espacial. Em seguida, temos no terceiro capítulo, a trajetória da Associação Quilombola Herdeiros do Banzo e a interpretação sobre sua influência cultural e territorial na comunidade do bairro onde está situada.

***Herdeiros do Banzo
(Minha História)***

*Sou Herdeiro, Herdeiro do Banzo eu sou
Vou contar minha história ô êre
Eu vou, eu vou, eu vou*

*Em um porão de um grande navio, atravessamos o mar
Foi uma longa viagem meu Deus, mas conseguimos chegar
Uns nasceram e outros morreram ô êre
Ouçam os herdeiros contar*

*Nas lavouras e nos engenhos, numa total escravidão
Das senzalas e minas de ouro, nasceu o negro fujão
E grandes quilombos surgiram ô êre
Herdeiros é só louvação*

*No batuque dos atabaques, dançando makulêlê
Berimbau, tambor de folia, afoxé e cateretê
Herdeiros do Banzo sabemos que somos ô êre
Viemos contar pra você*

*Sou Herdeiro, Herdeiro do Banzo eu sou
Sou cativo persistente ô êre, eu sou, eu sou, eu sou
Nossa luta é secular, um busca de conquista
Ô êre, eu vou, eu vou, eu vou
Nós viemos, viemos pra cantar
Sem perder nossas origens ô êre, cantar para mudar
Sou Herdeiro, Herdeiro do Banzo eu sou
Já contei a minha história ô êre
Um vencedor eu sou*

José Eustáquio

INTRODUÇÃO

Com o surgimento do chamado mundo moderno, muitas transformações sócio-culturais têm ocorrido, modificando a maneira com a qual os grupos sociais se relacionam entre si e em sociedade. Essa modernidade é considerada o processo iniciado no Ocidente a partir do século XVIII, que implicou a imposição de um modelo de sócio-cultural baseados na linearidade da história e do desenvolvimento das sociedades.

O processo de modernização, caracterizado pelo desenvolvimento industrial, o aumento da população urbana, o crescimento técnico-científico, vem se configurando como fator primordial para o crescimento das sociedades no sistema socioeconômico capitalista. Elementos como objetividade, universalidade, fluidez de informações e tecnologias, consumo de bens, serviços e entrecruzamentos de indivíduos e sociedades, são ligados a forma de vida moderna, mas não estão presentes igualmente em todos os lugares e povos.

O quadro de transformações espaciais contemporâneas se mostra muito complexo. As sociedades locais sofrem hoje mudanças constantes dos pontos de vista econômico, cultural, social, político, demográfico. Essas modificações são elementos impactantes sobre as identidades culturais, entendendo-se estas como algumas características culturais e sociais que evidenciam sentimentos de pertencimento em indivíduos ou grupos. Para Haesbaert (1997), esse processo de formação das identidades culturais só pode ser compreendido através da explicitação de categorias que são indissociáveis como território e identidade.

A identidade territorial de um grupo se forma num contexto histórico-espacial que lhe é base e agente formador. A identificação em torno da etnia na atualidade tem sido uma estratégia de valorização e entendimento das formas de vida dos negros no Brasil.

A escolha do tema se mostra importante, pois possibilita observar como o grupo, que se uniu pelo sentimento de pertencimento étnico e de vontade de vivência concreta das tradições culturais de matriz africana, procura sobreviver e se reproduzir diante da condição cultural e social excludente que lhes foi imposta. É importante observar que há uma discussão gerada em torno da idéia de uma africanidade recriada no Brasil, que penetra a vida de todos nós. Esta só pode ser compreendida quando se entende que essas

populações, mesmo diante de dificuldades como discriminação racial, social, preconceito e condições precárias de sobrevivência conseguem recriar as formas de experienciar os elementos culturais de sua descendência africana, através de práticas e posicionamentos de resistência e luta contra a opressão.

O presente trabalho tem a pretensão de estudar as relações entre identidade e território tendo como objeto de análise a Associação Quilombola Herdeiros do Banzo (AQHB) que está localizada no Bairro de Fátima, no município de Ponte Nova (MG). Esta Associação foi criada no ano de 2005 em torno da questão étnico-racial. Tem como objetivos discutir a questão da população negra no Brasil e difundir a cultura e história africana e afro-brasileira.

Nossos objetivos são analisar o surgimento, estrutura e organização da Associação Quilombola Herdeiros do Banzo, numa tentativa de entender sobre formas atuais de resistência e recriação da cultura afro-brasileira. Além disso, buscamos compreender o contexto no qual as identidades étnicas e territoriais se constituem, como são criadas e seus principais elementos impulsionadores.

A aproximação com a AQHB ocorreu através do convite dos integrantes da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal de Viçosa (ITCP-UFV) que, em 2007 iniciaram o processo de incubação do núcleo Retalharte¹. A ITCP/UFV é um programa de Extensão que se baseia nos princípios da Economia Popular Solidária (autogestão, participação, democracia e cooperação). O processo de incubação se dá através de um acompanhamento sistemático de grupos populares num processo metodológico que visa à emancipação dos grupos, nas dimensões econômicas, sociais e políticas.

Os integrantes da ITCP/UFV observaram que necessitavam de se integrar mais ativamente em todas as instâncias de trabalho da associação, por isso, propuseram uma parceria com o Grupo Etnia Negra, do qual participo. Este surgiu do projeto de extensão “Prática Educacional Inclusiva: A Construção da Identidade do Negro na Escola” que tem como objetivo principal trabalhar na escola a questão étnico-racial, dando a ela maior visibilidade e meios propícios de se inserir no universo de discussões dos alunos de escola pública da cidade de Viçosa.

A participação nas atividades da Associação suscitou dúvidas e questionamentos sobre as condições atuais de resistência de grupos unidos pelo pertencimento étnico,

¹ A Retalharte é o núcleo de geração de trabalho e renda da Associação, esta que se estrutura em quatro eixos de trabalho que serão explicitados mais adiante.

mais especificamente das populações negras, de periferia. Além disso, proporcionou a troca de experiências, o exercício do diálogo e da formulação de questões pertinentes a resolução de problemas da vida em sociedade.

Partindo da idéia de que as identidades culturais são igualmente territoriais, buscou-se apreender as feições atuais de consolidação e afirmação de grupos étnicos unidos por um sentimento mútuo de identificação, fundamentalmente cultural e racial. Foi feita a análise do surgimento, organização e estratégias da Associação Quilombola Herdeiros do Banzo (AQHB), na busca de entender a formação da identidade étnica e territorial do grupo.

A investigação aconteceu durante sete meses e se deu através do desenvolvimento de métodos e procedimentos científicos com vistas a alcançar os objetivos propostos pela pesquisa.

Os métodos de levantamento de dados e informações utilizados para elaboração do trabalho foram os seguintes: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, observação participante e realização de entrevistas semi-estruturadas.

A pesquisa bibliográfica se constituiu na utilização de livros e artigos científicos como materiais base para a elaboração teórica e prática do trabalho, ou seja, através da leitura de textos pode-se elaborar uma discussão sobre a temática proposta, relacionando os conceitos de identidade étnica, território, discriminação racial e segregação sócio-espacial com o fenômeno analisado.

A pesquisa documental foi realizada em fontes como jornais, fotos e outros arquivos da documentação da associação, que foram recolhidos junto aos integrantes da mesma. Já de antemão, é importante colocar que por se tratar muitas vezes de documentos pessoais, não foi possível estabelecer claramente a origem detalhada de todo o material.

Durante o período da investigação, a pesquisadora participou das atividades periódicas do grupo, assim desde o mês de Julho de 2007, estive presente em reuniões, apresentações e feiras das quais o grupo participou. Além disso, atuei diretamente na elaboração das atividades do núcleo Ciclo Cultural, que será explicado detalhadamente mais adiante.

Com o intuito de obter informações mais seguras, dos próprios participantes da Associação sobre o grupo e suas influências no bairro, foi elaborada uma Entrevista semi-estruturada, que continha as seguintes perguntas:

1. Como surgiu a AQHB?
2. Quais são seus objetivos?
3. Como se estrutura? Quais suas linhas de ação?
4. Porque você se integrou ao grupo?
5. O que mudou em sua vida após ter se integrado a Associação?
6. Qual a relação entre a AQHB e a comunidade?
7. Qual a relação entre a AQHB e a escola?
8. E a relação com a Igreja?
9. Qual o papel de cada núcleo na estrutura da associação?
10. Qual a importância das crianças?
11. Quais as diferenças entre o bairro e a cidade?
12. O que mudou na relação bairro e cidade após o surgimento da associação?

Sete pessoas específicas foram entrevistadas à escolha da pesquisadora, são elas, um adolescente participante do projeto Akatu erê; três integrantes da Associação desde o surgimento, sendo um deles a presidente da Associação; e três membros mais recentes. Cerca de oitenta pessoas fazem parte da associação hoje, o reduzido número de entrevistados se justifica pelo fato de que sessenta e quatro integrantes são crianças na faixa de idade de seis a quinze anos. As informações foram recolhidas com o auxílio de um gravador, a conversa ocorreu informalmente, não seguindo obrigatoriamente a disposição das perguntas criadas, pois essas serviram para orientar o pensamento, não constituindo-se num limite rigidamente demarcado.

Depois de recolhidas todas as informações, elas foram analisadas com base nas discussões teóricas de autores referências no trato do debate proposto. Diante disso, foram realizadas análises acerca da questão que envolve as estratégias de reprodução étnico-cultural dos povos negros no Brasil, em particular da Associação Quilombola Herdeiros do Banzo.

Capítulo 1

A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL

1.1. Criação da unidade étnico-cultural brasileira

O processo de formação cultural no Brasil partiu de uma violenta conquista e imposição da hegemonia branca europeia sobre outras culturas, em especial as de matriz indígena e africana. Neste contexto se forja uma idéia de nação, que não significa unidade, mas sim, união de diferentes e diversos povos com desiguais formas de assimilação e reconhecimento cultural.

O conceito de nação foi fundado num discurso, que pretendeu enfatizar o destino comum de um povo que vive sobre as fronteiras de um território nacional. A nação é um recorte da diferenciação entre comunidades, no caso, uma comunidade constituída sobre as fronteiras artificiais dos Estados modernos. Corresponde a uma idéia de homogeneidade de valores, crenças, costumes, vivências e etnia de um povo que vive sobre um determinado território. Assim, elementos da formação, particularidades históricas, grandes feitos, unidade cultural são criados e exacerbados na tentativa de dar sentido a uma identidade nacional que se relaciona ao território.

Por outro lado, a idéia de nacionalidade se estabelece na idéia de diferença e identidade, com isso, podemos dizer que a ideologia do Estado Nação atua diretamente sobre o plano da cultura, sistematizando a idéia de cultura nacional necessária para a sua legitimação.

Como colocado por Ribeiro (1995), podemos considerar que a sociedade brasileira caracteriza-se como uma etnia nacional sincrética e mista, oriunda da mistura da cultura dos povos africanos, europeus e indígenas primeiramente Mas, o modelo de sociedade e cultura predominantes é da tradição ocidental europeia, entrelaçados por elementos dos negros africanos e dos índios. Na tentativa de dar origem a uma unidade nacional o discurso dominante prega a idéia de nação miscigenada e democrática, assim forja uma uniformidade cultural. Dessa forma, a essencialização da cultura brasileira implicou em um distanciamento das formas ancestrais de vida e expressões dos povos marginalizados em detrimento da exaltação dos modos de viver dos europeus.

É importante ressaltar que por cultura compreendemos as experiências, ações e criações objetivas e simbólicas que marcam determinados grupos humanos. Ela é também definida em oposição e tem um caráter político, pois está ligada ao contexto de produção de valores estabelecidos num processo de sobrevivência social. A cultura é “campo de significação e terreno de luta, nos quais os processos de identificação se dão de acordo com as necessidades históricas dos sujeitos que compõem os grupos protagonistas desses processos” (ABIB, 2005, p.47).

1.2 – Resistência étnico-cultural dos povos negros: Recriação das tradições africanas e afro-brasileiras

A temática cultural aliada ao debate sobre questão étnica tem sido muito discutida no Brasil. As populações que compõem as diversas etnias excluídas, oprimidas e violentadas no Brasil têm buscado compreender suas origens e reivindicar reconhecimento de sua cultura e dos seus direitos. Como exemplo, temos as lutas históricas das populações afro-brasileiras, que reivindicam direitos a cidadania e se organizam pela utilização dos espaços da cidade e para conquistarem representação política. Lutam também para serem reconhecidos o seu papel na formação do nosso país, para serem valorizados social, cultural e politicamente, além de terem acesso ao trabalho e a educação. Podemos então os movimentos de resistência político-cultural das religiões negras como o Candomblé e a Umbanda, as festas de congado, a capoeira, as vozes questionadoras do Hip-Hop, do Funk, do Samba e do Rap como grandes agentes desse processo de embate político e ideológico.

Com base em Abib (2005) podemos compreender que os povos negros criam tradições, histórias e memórias. As tradições e as histórias são revividas a partir da memória, da oralidade e da ritualidade. Esses são elementos da transmissão da sabedoria tradicional popular e não podem ser entendidos como simples lembranças, mas como reconstrução de um passado que se perpetua e dá suporte a identidade coletiva. Essa lógica de transmissão de conhecimento não se baseia na linearidade e objetividade propostas pela apreensão moderna ocidental dos fenômenos. Caracteriza-se, portanto, por um movimento de percepção, apreensão e perpetuação de um saber diferenciado característico de um povo.

As canções, ritmos, danças, ritos e superstições são manifestações da mitologia ancestral e dos valores tradicionais características dos povos negros e são reconstruídos

e resignificados durante a trajetória desses. Características das populações afro-brasileiras como imaginário, rituais, símbolos, modo de ser e temporalidade influenciam a vida do nosso povo. Citamos para título de exemplificação a influência dessas noções em festas tradicionais como o carnaval, o maracatu e a folia de reis.

A formação étnico-cultural dos povos de origem negra no Brasil é marcada por um processo contínuo de diálogo entre a tradição e a reinvenção, entre a exclusão e a luta pela valorização, que contribui para a permanente recriação da identidade do negro. Assim, apesar de negligenciados, deturpados e inferiorizados por uma ideologia dominante, ligada a um projeto de nação branca nos moldes europeus, os elementos culturais dos povos negros têm sido recriados e reinventados no Brasil.

Em contexto de opressão pensa-se que somente os dominadores influem sobre os costumes, crenças e valores do dominados. É preciso salientar que os povos entendidos como dominantes e como dominados estão permanentemente em interação, são mutuamente afetados, mesmo que de variadas formas.

Segundo Gomes^a (2003) os movimentos de contestação à ordem opressora que existem tem buscado de diferentes maneiras discutir a cultura e estética afro-descendentes, no sentido de priorizar formas positivas e afirmativas de representar a população negra no Brasil. Desta forma eles tem contestado atitudes racistas, discriminatórias e preconceituosas, através de práticas que possibilitam o conhecimento da cultura negra como algo que faz parte do cotidiano e da construção da nação brasileira.

1.3 – A legitimação da diferença como desigualdade: o debate sobre raça

Para a compreensão do contexto de exclusão em que se encontra a população de descendência africana nos dias atuais é necessário entender os conceitos de raça e etnia como construções políticas e sociais.

O conceito de raça foi usado para naturalizar a hierarquização imposta pelos povos dominantes. Essa noção foi aproveitada no processo de legitimação histórica da exploração da cultura branca sobre a dos negros. Constitui-se como um sistema de idéias empregado para legitimar a dominação e o não acesso dos excluídos a determinados espaços, funções e papéis sociais. Segundo Brandão (1986) o outro se torna diferente, através de um discurso que legitima a vontade de dominá-lo.

Para dominá-lo e obter dele os proveitos materiais do domínio e, sobre a matriz dos princípios que consagram a desigualdade que justifica o domínio, buscar fazer do outro: o índio, o negro, o cigano, o asiático, um outro eu: o índio cristianizado, o negro educado, o cigano sedentarizado, o asiático civilizado. Todos os que são *minoría* dos diferentes ou a *maioría* dos dominados, revestidos do verniz civilizatório daquilo que às vezes se simplifica enunciado que equivale a penetrar na *cultura ocidental*, o lugar social adequado à identidade mais legítima (BRANDÃO, 1986, p. 8).

Para Gomes^a (2003) as sociedades racistas criam várias táticas de discriminação contra os negros. Entendemos que o racismo já se caracteriza como uma dessas estratégias que utiliza de elementos como tipo de cabelo, formas do nariz, boca e cor da pele para marcar a inferioridade atribuída à população negra. Assim,

[...] no contexto das relações de poder e dominação, essas diferenças foram transformadas em formas de hierarquizar indivíduos, grupos e povos. As propriedades biológicas foram capturadas pela cultura e por ela transformadas. Esse processo, que também acontece com o sexo e a idade, apresenta variações de uma sociedade para outra (GOMES^a, 2003, p. 3).

Certas características físicas e costumes são identificados com as tradições étnicas africano-brasileiras. Esses elementos são distinções que marcam a diferença existente entre os grupos sociais e ao mesmo tempo são responsáveis pela identificação interna do grupo.

1.4 – O contexto de formação de identidades étnicas: a etnia como posicionamento de afirmação político-cultural

Com base nos estudos de Oliveira (1976), consideramos grupos étnicos como formas de organizações sociais, irredutíveis a traços culturais e sociais variáveis que devem, ainda, ser relacionados à questão da identificação étnica. Os grupos se caracterizam, através de identificações auto atribuídas e de diferenciações dadas aos outros.

Identidade e ideologia são dois fenômenos de um mesmo processo, pois para cada grupo existe um sistema de representações ideologicamente construído que se confronta aos valores de outros grupos. As identidades étnicas não são absolutas e só podem ser entendidas analisando-se os contextos em que estão inseridas.

Vale ressaltar que,

[...] quando as pessoas se identificam como membros de alguma categoria 'étnica' [...] elas estão tomando posições em sistemas de relações intergrupais [...] culturalmente definidos [...]. Estes sistemas de relações intergrupais [...] compreendem categorias complementares complexamente interdependentes. Afirimo, em particular, que, na realidade, *categorias étnicas são formalmente como papéis* e são, neste sentido, só muito indiretamente descritivas das características empíricas de grupos substantivos de pessoas (LEHMAN apud OLIVEIRA, 1976, pp. 106-107).

Assim como Bossé (2004), entendemos que grupos étnicos são também identitários e se baseiam em certas características tais como na idéia de um mito das origens, na partilha de um espaço comum, em redes de sociabilidade, nos valores atribuídos a comportamentos, crenças e maneira de ver o mundo. Todas as identidades se encontram num tempo e num espaço, mesmo que simbólicos. Elas têm noções de paisagem, seu conhecimento de lugar, de lar e se conectam com o passado através das tradições, mitos que dão sentido e valor ao presente.

O surgimento de um grupo identitário se dá pelo entendimento de que algo lhe faz diferente, da necessidade de manter-se, reproduzir-se e pela tentativa de resguardar suas especificidades e seus direitos frente aos distintos.

Para o indivíduo ou para o grupo que tomam consciência de sua identidade, são necessários não apenas os elementos de reconhecimento mútuo e solidariedade internas, mas também um outro grupo, um "eles" em relação ao qual terá o "nós", um "aqui" face a um "alhores" ou a um "além" (BOSSÉ, 2004, p. 161-162).

Portanto, identidade seria aquilo que evidenciaria algumas particularidades de pessoas ou grupos, ao mesmo tempo em que lhes aproximaria de outros, levados por sentimentos de pertencimento e similaridade. Aquilo que consideramos ser é apreendido também através do reconhecimento da existência do outro. Onde,

[...] toda forma de identificação supõe também, ao menos implicitamente, um processo de diferenciação: nos identificamos a – ou, eventualmente, contra – qualquer coisa. Pelo pertencimento ou pela exclusão, a identidade aproxima-se tanto daquilo que ela leva em consideração como daquilo que ela negligencia (BOSSÉ, 2004, p. 161).

A contraposição é um momento importante do processo de formação da identidade, pois

A identidade contrastiva parece se constituir na essência da identidade étnica, [...], à base da qual esta se define. Implica a afirmação do *nós* diante dos *outros*. Quando uma pessoa ou um grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma pessoa ou grupo com quem se defrontam (OLIVEIRA, 1976, p. 5).

A idéia de identidade remete-nos à questão de permanência, de resistência à mudança, que acarreta uma constante tensão entre o tradicional e o novo, entre o que somos e o que podemos ser.

Mas, como colocado por Canclini (2003), no mundo contemporâneo fica difícil discutir a noção de identidade sem levar em consideração os processos ligados à globalização, a acelerada velocidade de circulação de informações, pessoas e práticas culturais que transformam as características sócio-espaciais dos grupos humanos. O autor fala da importância do conceito de hibridação para o entendimento das formas atuais de entrecruzamentos culturais. Esse conceito designaria os “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.”(CANCLINI, 2003, p. XIX).

Diante de um quadro social fluido e complexo se torna necessário analisar o contexto em que se forma a noção de identidade, discutindo-se formas de entendê-la sem pretender estabelecer e delimitar rígidas características que criem identidades puras e essenciais. Ao mesmo tempo em que se leve em consideração o que não se permite interromper, que resiste e se auto-afirma. A identidade é entendida como algo fluido, não homogêneo, formada a partir das experiências sociais. Cada identidade se forma na interação de elementos tais como cultura, classe social, etnia, gênero e raça, e não são estáveis ou obras acabadas.

Através das interconexões das características expostas acima novas identidades são criadas, principalmente, pelas condições atuais de trocas de informações e circulação de pessoas. Contemporaneamente, não se pode falar de culturas fixas, ou seja, pretender estabelecer, delimitar, rígidas características que criem identidades puras, essenciais e isoladas. Mas, não se pode pensar que essas novas maneiras de entrecruzamentos culturais criaram no país uma cultura homogênea, única e que transcenda as diferenças e os territórios. Formas recentes de reforçamento das identidades locais que resistem à uniformização, como exemplo dos movimentos do campo, indígenas e quilombolas, nos mostram a importância do que não se permite interromper, que resiste e se auto-afirma. Essas mudanças fazem parte de um processo

dialético: ruptura, resistência, manutenção de tradições e assimilação de novas informações. No presente trabalho tratamos da cultura negra, e essa

[...] só pode ser entendida na relação com as outras culturas existentes em nosso país. E nessa relação não há nenhuma pureza; antes, existe um processo contínuo de troca bilateral, de mudança, de criação e recriação, de significação e ressignificação (GOMES^a, 2003, p. 6).

A leitura de Hall (2004) nos remete a existência de uma atual crise de identidade que provoca um deslocamento do indivíduo de si mesmo e de seu lugar no mundo cultural e social. Essa crise estaria sendo causada pela proposta homogeneizante da globalização.

Observa-se, porém, que tem acontecido o aumento das identificações com laços culturais que são contrários a essa tendência. Alguns aspectos da cultura ocidental dominante são assimilados, mas, muitas das tradições culturais características das chamadas minorias continuam sobrevivendo. Elas têm se reforçado através da resistência étnica e política, pela necessidade de manutenção e reprodução de suas formas de viver e organização fundamental ao combate das formas de domínio e sujeição cultural e política.

Tal processo tem levado a uma

tendência em direção à “homogeneização global”, pois, tem seu paralelo num poderoso *revival* da “etnia”, algumas vezes de variedades mais híbridas ou simbólicas, mas também frequentemente das variedades exclusivas ou “essencialistas” [...] (HALL, 2004, p. 95).

Na busca constante de defender seus direitos, alguns grupos resistem às tentativas homogeneizadoras e opressivas da atualidade, revalorizando e reafirmando suas identidades contra a utilização do conceito de etnia como instrumento essencialista e de alienação. Elegem a distinção como elemento de valorização, o que os torna únicos, particulares em face a idéia de identidade nacional constituída sobre valores impostos pela classe hegemônica dominante.

Nossas reflexões se baseiam no entendimento de que a identidade se constrói socialmente, através das relações estabelecidas entre os sujeitos e grupos sociais. Ela é negociada, contextual e contemporaneamente ligada a questões políticas, ou seja, os grupos historicamente subjugados têm se identificado em torno de reivindicações na busca de seus direitos.

Avaliamos que o debate sobre identidade se mostra complexo, entender as formas e causas das diversas maneiras pelas quais os grupos sociais se unem, o universo onde se formam, só é possível através de um processo de análise que priorize uma abordagem contextualizada e não essencialista.

[...] não é possível falar de identidade como se se tratasse apenas de um conjunto de traços fixos, nem afirmá-los como essência de uma etnia ou de uma nação. A história dos movimentos identitários revela uma série de operações de seleção de elementos de diferentes épocas articulados pelos grupos hegemônicos em um relato que lhes da coerência, dramaticidade e eloquência (CANCLINI, 2003, p.XXIII).

Por isso, concordamos com Campos (2005), quando este diz que assumir-se como afrodescendente é uma opção política e diz respeito as escolhas de indivíduos singulares ou coletivos de associarem-se em torno das questões étnico-sociais.

Grupos étnicos, como exemplo os afro-brasileiros, começam a se organizar em torno da compreensão de que são marginalizados e excluídos do processo de formação da nação brasileira. A auto-identificação étnica passa a ser uma possibilidade de recuperar sua história e explicar injustiças sociais. O atual ressurgimento da afirmação étnica é causado pela compreensão por parte dessas minorias de que não são pertencentes ao projeto político de nação, que não assimila sua cultura, seus símbolos e suas tradições. A não ser de forma pontual e contraditória.

A etnia tem se tornado uma das muitas categorias, símbolos ou totens, em torno dos quais identidades individuais são construídas e afirmadas. Existe agora, portanto, um número muito menor daquelas forças centrífugas que uma vez enfraqueceram a integridade étnica. Há, em vez disso, uma poderosa demanda por uma distintividade étnica pronunciada (embora simbólica) e não por uma distintividade étnica institucionalizada (BAUMAN apud HALL, 2004, p. 96).

As maneiras atuais de afirmação étnica e identitária, portanto, fazem parte de um processo de contestação imanente ao sistema político-ideológico imposto pelas classes dominantes. Os princípios da democracia e da globalização não atingem positivamente todas as pessoas, tanto do ponto de vista individual quanto coletiva. Há contradição quanto a possibilidade de manifestação cultural dos negros em relação aos brancos. Como consequência, diversas estratégias de modificação dessa condição têm sido travadas, a exemplo da insurgência da Associação Quilombola Herdeiros do Banzo.

IDENTIDADE E TERRITORIALIZAÇÃO

2.1 – A formação do território nacional: a conscientização da desigualdade

É fato que na história de formação do território nacional os povos brancos europeus sempre tiveram privilégios, se apropriando de todas as porções de terras necessárias para perpetuar sua condição de classe hegemônica. Neste processo de apropriação os negros viviam na condição de escravos, não podendo exercer nem mesmo o direito ao livre uso de seu corpo, quanto mais de produzir ou sobreviver da maneira como viviam na África. Depois da abolição a condição dos negros se transforma, passando então a de liberto. Isso, no entanto, não lhe deu real possibilidade de se inserir no sistema político-econômico da época, passando a serem excluídos da prática política e ficando à margem da economia, situação que impera até hoje.

Assim, após a abolição, os então ex-escravos continuaram a serem discriminados no Brasil, sem direito a propriedade de terras e cidadania, ficando relegados a condição de mão-de-obra barata. Pois, ganharam perante a lei a condição de liberdade, que parcialmente representava um mito, mas continuaram impedidos de exercer funções, papéis sociais, de manifestar sua cultura ancestral e de exercer sua cidadania. Diante desse quadro, essa população ficou estigmatizada, pelo preconceito racial construído e naturalizado ao longo da história.

O debate sobre a questão da identidade étnica começa a se destacar, pois as “minorias²”, até então marginalizadas pelo não direito de ser diferentes, reivindicam outro papel e condição. Os grupos étnicos estão, atualmente, no momento mais acirrado de sua conquista pela valorização e inserção social. Têm, diante disso, se unido pela vontade de reproduzir sua cultura, através da construção de uma identidade, que dá coesão ao grupo e lhes possibilita criar estratégias de sobrevivência e manutenção.

² “Minorias” é para nós um termo muito ambíguo, a opção por utilizar a expressão entre aspas é uma tentativa de chamar a atenção para a necessidade de discutir o real significado de designar os não brancos de tal forma, visto que esses representam a maior parcela da população de nosso país. O emprego desse termo nos aponta para uma tentativa de relegar a esses povos a condição de pouca representatividade e importância social e cultural.

Alguns desses grupos tomaram consciência da diferenciação existente entre eles, subordinados, e os outros, subordinantes. Os grupos dominantes, que historicamente exercem o controle político, usam deste poder “como meio de reproduzir os valores que manteriam os grupos considerados subalternos em condição de precariedade de vida” (CAMPOS, 2005, p. 64).

A discriminação é um processo que serve para legitimar a diferença como desigualdade. Os negros são vistos como inferiores. “Historicamente a segregação espacial, ou a discriminação étnica de um dado segmento social, é construída para atender aos interesses de grupos socialmente dominantes.” (CAMPOS, 2005, p. 158).

Numa outra dimensão, reconhecemos que os afrodescendentes sofrem preconceitos ligados a sua cor somados aos preconceitos de classe. Esses fatores podem ou não estar relacionados, dependendo do contexto no qual estejam inseridos, não há determinação de um sobre o outro obrigatoriamente. No entanto, nossos estudos apontam para o fato de que a cor da pele e a condição social são elementos que possuem um grande atrelamento, afirmados pelo fato de que essa população está em visível desvantagem com relação ao acesso à saúde, educação, emprego e renda no Brasil.

Assim, a diferenciação criada entre brancos e não brancos é uma tática que legitima a inferioridade como um atributo do negro e não lhes permite identificar-se com o ideal de povo brasileiro difundido pela classe dominante. Isso reforça as identidades culturais como meio de resistir à rejeição histórica desses povos, não só no âmbito econômico, mas também as suas formas de conhecimento, manifestações, arte, religião e formas físicas.

2.2 -Quilombos e Quilombolas: Os Territórios da Resistência

Desde o início do período de colonização, quando os negros chegaram ao Brasil para trabalhar como escravos, que a sua resistência é um fator marcante de não resignação a sujeição imposta pelos brancos colonizadores.

Discutiremos agora as noções de quilombo e quilombola, como duas maneiras distintas de questionamento da ordem social vigente no Brasil, mas imanentes ao mesmo processo de imposição dos valores europeus.

Quilombo representava nos tempos da escravidão um espaço de organização política e social de negros fugidos contra o sistema de opressão escravista. Nestes locais, os escravos se reuniam na busca de poder sobreviver, reproduzindo as formas de

vida, produção de alimentos e relações sociais características das sociedades coletivas das quais tinham sido retirados violentamente. “O quilombo não foi apenas o grande espaço de resistência guerreira, mas representava recursos radicais de sobrevivência grupal, com uma forma comunal de vida e modos próprios de organização.” (CAMPOS, 2005, p.32).

Atualmente muitos desses grupos negros já existentes há muitos anos num lugar, são considerados remanescentes desses quilombos. A autodenominação de quilombola se transformou num posicionamento político de fortalecimento dos povos afro-descendentes. Assim sendo, este termo tem hoje uma capacidade de mobilizar e criar laços entre as comunidades negras no Brasil, pois “eles se sensibilizam com a possibilidade de recuperar o passado e resolver injustiças do tempo da escravidão. É um novo combustível de luta para esse povo” (ALDÉ, 2007, p. 25).

2.3 – A força política da comunidade na produção da territorialidade

Para se entender como são construídas as diferenças culturais Haesbaert (1997) expõe que é importante analisar as relações sociedade-espaço que historicamente contribuíram para a construção geográfica e simbólica das identidades dos grupos, pois a ordem espacial é portadora de sentidos e parte importante de uma interpretação que se proponha a entender a dinâmica social.

Para Bossé (2004) através da observação de como os sujeitos entendem, constroem e reivindicam identidades constituídas por meio de suas interpretações dos lugares e das relações espaciais é possível entender como os grupos sociais resgatam a partir das manifestações culturais, a sua origem, a sua história, o seu lugar. Pois,

o fato de ter nascido neste ou naquele espaço tem implicações indiscutíveis, não é propriamente o espaço que vai “fundar” uma identidade, mas a força política e cultural dos grupos sociais que nele se reproduzem e sua capacidade de produzir/estimular uma determinada escala de identidade, territorialidade mediada (HAESBAERT, 1997, p. 50).

A construção do espaço político remete à comunidade. “A identidade territorial da comunidade é a construção de um espaço político, a forma de mobilização, o discurso que congrega, imprime a idéia de consenso e representa o grupo, pois é a própria definição dele” (GOMES^b, 2002, p. 121).

Uma das estratégias de tomada de controle de um território para Gomes^b (2002) seria a luta por sua identidade, pois, este espaço não tem necessariamente suas fronteiras estabelecidas claramente, já que seu alcance se dá até onde o grupo reconhece. A unidade do grupo é construída por elementos identitários como traços culturais, étnicos e de classe. O lugar onde moram é base, motivação, para suas ações que são principalmente disputas pela afirmação comunitária, pelo reconhecimento de suas tradições, história, condição de classe, particularidades. O compromisso com o grupo se baseia na solidariedade, na tentativa de auto-afirmação e coesão, assim dá-se sentido ao coletivo.

A identidade de um grupo ou comunidade se funda no discurso da diferença, que distingue os espaços do grupo dos espaços dos outros. Com isso concluímos que “o particularismo de cada grupo ou segmento se funda sobre um lugar que lhe é próprio e único nesse caso, a identidade social é perfeitamente igual à identidade territorial” (GOMES^b, 2002, p. 67).

No atual contexto, as reafirmações identitárias representam uma reação à proposta de fragmentação, homogeneização e negação das formas não hegemônicas de organização, identificação e reprodução cultural. Para compreender a atualidade deve-se levar em conta a condição de complexidade que envolve suas relações e atentar para o fato de que ela se mostra ambígua, na medida em que há uma interação permanente entre o tradicional e o novo, a transformação e a resistência.

Na modernidade o que é considerado moderno tem com o tradicional “um sentido relacional e não excludente” (HAESBAERT, 2002, p. 75). Essa ambigüidade se mostra também na atual manifestação de movimentos étnicos e culturais, por exemplo, quando reivindicam o direito a diversidade. Consideramos que as diferenças culturais devem ser levadas em conta para a compreensão das mudanças sociais, que se manifestam e influenciam também as transformações e contradições do espaço. Sob esse aspecto, entendemos que

O espaço, sem dúvida, é testemunha e veículo dessa dinâmica. Nele são travados combates, estão cicatrizes de lutas, erguem-se monumentos ao novo tempo e através de seus signos há a realização simbólica daquilo que comumente se concebe como “vida moderna”. Em síntese, no espaço estão os signos da permanência e da mudança, e são vividos os ritos da ordem e do caos, da disciplinarização e dos desregramentos. Seus múltiplos sentidos são vivenciados, a cada instante, nos mais diferentes lugares do planeta (HAESBAERT, 2002, p. 81).

Convergindo com as idéias de Haesbaert (2002) interpretamos que as mudanças espaciais também se dão quando os grupos formados sobre condições históricas que lhes dão identidade se apropriam, concreta ou simbolicamente, de um território. O sentimento de pertencimento identitário muitas vezes é criado por circunstâncias diversas que desestabilizam o grupo, fazendo com que ele tente agir em função do bem de todos. Neste aspecto, a etnia e a condição social, passam também a se constituir como motivadores da identidade de um grupo e a significação que nesse processo o lugar onde vivem ganha nos leva a entender a questão da identidade territorial.

Compreendemos que a idéia de identidade territorial está vinculada á questão das origens comuns. É preciso identificar que os grupos se manifestam num espaço próprio ligado a origem e identidade do mesmo. Tal espaço é carregado de signos que demarcam a existência do grupo, são marcados pelo simbolismo e pela idéia de agregação social qualificados pela comunidade.

A identidade comunitária territorial se expressa por uma representação feita por determinados grupos e difundida por uma ação simbólica. Além disso, acreditamos que a “representação funda uma realidade em que pessoas de um grupo vivem suas relações de vizinhança, sanguínea ou não, como definidoras essenciais de sua maneira de ser” (GOMES^b, 2002, p. 120).

Essas reflexões nos levam a crer que as ações sociais, posicionamentos e interpretações frente ao mundo são construídos socialmente através de um conjunto de representações que dão sentido a nossa atuação social e política sobre e no espaço. Estas representações influenciam a construção das identidades e assim fazem parte do processo de transformações sociais reconhecendo que

As formas como esta identidade é vivida, como ela é representada para aqueles que fazem parte do grupo ou para os que se situam exteriormente a ele correspondem a imagem que tem operacionalidade para a mobilização social (GOMES^b, 2002, p. 119).

Nossas práticas são significadas por alguns valores e idéias que dizem sobre o processo cultural e de socialização imanentes a comunidade onde vivemos. “As representações culturais não são simples ideologias, no sentido marxista de falsa consciência, mas também são elas próprias realidades, podendo atuar como “motores da história”, veículos de novos sentidos e novas práticas sociais” (HAESBAERT, 1997, p.25).

Na esfera da nação, as representações cumprem um papel fundamental de reprodução do modelo de sociedade dominante, já explicitado anteriormente. Diante da criação da idéia de nação brasileira, tem-se hoje em dia um movimento de afirmação dos limites dos lugares daqueles que não se sentem inteiramente pertencentes a esse arquétipo de sociedade, motivados por pretensões as mais diversas. Isto é,

O mundo “moderno” das territorialidades contínuas/contíguas regidas pelo princípio da exclusividade (cada Estado com seu espaço e suas fronteiras bem delimitadas frente ao território do outro) estaria cedendo lugar hoje ao mundo das múltiplas territorialidades ativadas de acordo com os interesses, o momento e o lugar em que encontramos (HAESBAERT, 1997, p. 44).

Partindo-se para a análise no âmbito das cidades, que são no contexto da modernidade compostas de uma infinidade de agentes, grupos, funções, ordenamento e culturas, vemos que, historicamente, elas têm pertencido preferivelmente aos grupos privilegiados e não tem contemplado às “minorias” o direito ao exercício da cidadania. Mas, é por isso mesmo, um espaço de trocas, político, da “luta por um território de reconhecimento e da heterogeneidade de valores” (GOMES^b, 2002, p. 124).

O fato é evidenciado pelo crescimento de grupos identitários nas cidades modernas, que tem buscado

[...] constantemente resguardar um espaço dentro da urbe onde sejamos comuns e conhecidos, onde nossos signos encontrem reciprocidade. Somos habitantes desta confusa rede metropolitana, mas forjamos uma cartografia particular de seu traçado. Nossos roteiros e deslocamentos se inscrevem em um intrincado jogo de disputas, proibições e limites espaciais (HAESBAERT, 2002, p. 94).

Nesse processo de formação do urbano brasileiro, Campos (2005) acredita que o espaço quilombola se transmutou em favela já que é onde vive a população pobre, negra, sem acesso aos espaços privilegiados das cidades. Estes sofrem problemas de inserção social, além de serem segregados social e culturalmente, sendo segregados em espaços rejeitados pela sociedade em geral.

As periferias são os locais compostos pela maioria negra, além de tudo, são vistas como lugares perigosos, recaindo sobre o negro o duplo estigma da cor da pele e da condição de pobreza. São, assim, territórios excluídos da dinâmica econômica imperante ao mesmo tempo e também por isso, reagem às imposições da globalização e da ocidentalização.

Em tais bairros, os moradores criam formas de questionar a condição de sobrevivência e contestar a condição de excluídos. Partindo do ponto de vista étnico e transformam assim a dinâmica espacial do lugar. Essas comunidades que reivindicam outro papel no mundo

[...] projetam singularidades inovadoras (ou defensivas) que podem mesmo estar renunciando hoje a emergência de uma nova “ordem” em que prevaleça, sobretudo, a possibilidade de recriar, pelas próprias coletividades, territórios originais que atendam não só às suas aspirações de sobrevivência e reprodução material, como também a expressão das especificidades culturais que efetivamente mobilizam e animam os grupos sociais” (HAESBAERT, 2002, p. 100).

Tal autor coloca deste modo, que os processos de recriação das identidades étnicas locais são formas de resistência desses grupos que tentam se afirmar culturalmente, o que revela que no debate sobre territorialidade

Embora se enfatizem tanto os processos de desterritorialização, onde a ausência de uma identificação com o “espaço vivido” é um dos traços fundamentais, não há dúvida de que vários conflitos pela defesa de fronteiras, por exemplo, demonstram que permanecem relevantes as referências espaciais ou o fortalecimento de identidades (sejam elas, nacionais, regionais ou locais). Afinal, a própria memória de uma cultura, “para ser vivificada, necessita de uma referência territorial”, pois “ela se atualiza no espaço envolvente (ORTIZ apud HAESBAERT, 1997, p.48-49).

Os grupos têm aspirações sociais, no caso analisado, uma tentativa de subversão da ordem excludente. De tal modo, esses grupos buscam sua reprodução social, através do entendimento da diferença, de reafirmação da tradição e história dos povos negros, ao mesmo tempo em que se relacionam com a modernidade. Neste aspecto

[...] não basta dar conta dos “critérios objetivos” da “identidade regional” ou “étnica”, como língua ou dialeto, e que é preciso considerar também sua condição de representação – ideal (“os atos de percepção e apreciação”) e objetual (“emblemas, bandeiras, insígnias etc.” – e neste “etc.” certamente deveria figurar também o espaço, pelo menos nessa forma de “representação objetiva” que é o mapa) (HAESBAERT, 1997, p. 54 – 55).

Ao se organizar como grupo, na tentativa de reproduzirem-se, os atores sociais se apropriam de um espaço que lhes dá força e união. Neste se estabelecem as redes de interrelação, trocas e afirmação de oposição a algo, no caso da pesquisa, as formas de

marginalização cultural e social. O território é dotado de múltiplas dimensões e significados e

envolve sempre, ao mesmo tempo mas em diferentes graus de correspondência e intensidade, uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de “controle simbólico” sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos (HAESBAERT, 1997, p. 42).

O processo de formação de territórios é complexo e só pode ser compreendido entendendo-se que ele possui, ao mesmo tempo, uma dimensão concreta e outra simbólica. A ordenação e reordenação dos territórios acontecem diante da reprodução de múltiplos agentes, com finalidades, valores e táticas que dão sentido às suas ações. O espaço é nesse processo palco dos acontecimentos sociais, referencial das identidades de grupos e da sua vida coletiva. Ele é fruto das relações entre os diversos atores que atuam sobre ele, é

o produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou controle político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados (HAESBAERT, 2002, p. 121).

Se territorializar, portanto, é influenciar a ordem sócio-espacial. A territorialidade “é por isso relativa à forma como as pessoas usam o território, como elas estão organizadas no espaço e como são atribuídos valores e sentidos a um lugar.” (GOMES^b, 2002, p. 121). A territorialização é, então, um fator importante no processo de formação de identidades e da resistência.

Estendendo ainda o conceito de territorialização como a apropriação do espaço por um dado segmento social, sejam os grupos que vivem da venda ilegal de drogas nas favelas cariocas, sejam nas associações de moradores, ou mesmo os antigos quilombos, tudo indica que houve o controle do espaço em favor de determinado grupo. Apropriar-se de um determinado fragmento do espaço urbano, ou não, é colocar-se ao lado do poder constituído ou em oposição, como era o caso dos quilombolas (CAMPOS, 2005, p. 36).

A identidade de um grupo, de uma comunidade, por conseguinte, acontece, “quando definida em relação a um território, real ou mítico, de homogeneidade, de

domínio e de pleno desenvolvimento do espírito do grupo. A identidade comunitária está assim sempre relacionada a uma identidade territorial” (GOMES^b, 2002, p. 62).

A ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA HERDEIROS DO BANZO (AQHB): TRAJETÓRIA DE RESISTENCIA CULTURAL E TRANSFORMAÇÕES NA COMUNIDADE

3.1- Surgimento e atividades da AQHB

A Associação Quilombola Herdeiros do Banzo se localiza no Bairro de Fátima, que fica no município de Ponte Nova, Zona da Mata mineira. No século passado essa região teve sua economia baseada na monocultura de café e cana de açúcar. Sendo que hoje, gira em torno no comércio varejista e atacadista e da suinocultura.

Segundo dados de diagnóstico social da cidade de Ponte Nova, realizado através por meio pesquisa desenvolvida nos meses de fevereiro e março de 2007³, a população da cidade no ano de 2005 era de 57.033 habitantes. Com percentual de 80,27 de negros (somando-se as categorias de auto-identificação negro, pardo, mulato, preto, moreno e afro-descendente). Sendo que no bairro de Fátima são 76,25% os que se declaram negros.

Pesquisa dimensionará planejamento estratégico de 5 bairros

Em solenidade ocorrida na noite de 28/3, na EM Nossa Senhora de Fátima/bairro de Fátima, a Associação Quilombola Herdeiros do Banzo (AQHB) divulgou a pesquisa geossocial feita pela Excelência Consultoria & Serviços para dimensionar um projeto inédito: planejamento estratégico da região dos bairros de Fátima, São Pedro, Novo Horizonte, Cidade Nova e Palmeirense. Os dados apurados da pesquisa foram explicados pelo diretor da Excelência, Marco Antônio Martins da Silveira (leia o Editorial, na página 2).

Conforme a presidente da AQHB, Dodora Costa, a meta é a de concluir em 6 meses o diagnóstico social, cultural e econômico da região, estabelecendo prioridades de desenvolvimento comunitário em parceria com autoridades e entidades representativas daqueles bairros.

da AQHB, e a exibição dos filmes "Origem" e "Heróis", que abordam a questão afro-brasileira. Após análise de livros didáticos sobre a cultura e a história dos negros, houve dinâmica de grupo (jogo Trilhas da África) e atualização de propostas das ações necessárias à promoção da igualdade racial, via currículo escolar. A reunião foi coordenada por Mônica Cristina de Barros, Neli Gonçalves de Souza e Sônia Maria da Silva (todas da SRE) e pelo professor Willian Jales.

Encontro das Comunidades Quilombolas

O I Encontro Regional das Comunidades Quilombolas da Zona da Mata e Vertentes (realizado em Juiz de Fora/MG e encerrado em 25/3) contou com a participação da dirigente da Secretaria Municipal de Assistência Social/PN (Semas), Soninha Guimarães, que representou o nosso município e proferiu palestra sobre políticas públicas para o setor.

O evento debateu a regularização fundiária das comunidades descendentes dos escravos, a busca de ações públicas de promoção social e de igualdade racial e a promoção de emprego e renda. Nesse Encontro, PN também foi representada por pessoas do bairro de Fátima/PN, as quais buscam registro da região como comunidade quilombola, via Fundação Palmares. PN tem projeto de reconhecimento de comunidade quilombola para 3 comunidades rurais (Cedro, Nogueira e Ranchos Novos), como já foi discutido no Conselho Municipal pela Igualdade Racial.

História e cultura nas escolas

A Superintendência Regional de Ensino (SRE) promoveu, em 27/3, na Escola Técnica José Rodrigues da Silva/PN, encontro dos pedagogos ponte-novenses, inscritos na Oficina de Capacitação em História e Cultura Afro-brasileira. Na abertura, houve apresentação musical de Rosângela Aparecida Lisboa dos Santos/voz e de Taquinho dos Santos/voz e violão, ambos

Professores e convidados reunidos em 26/3: pela igualdade racial

ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS DE PONTE NOVA - APAE
CNPJ: 18.585.430/0001-88

Demonstração do Resultado em 31/12/2006 (R\$)

Receita Bruta da Entidade	
Receitas de Subvenção	133.498,38
Receitas de Doações	47.249,35
Outras Receitas	4.405,79
Despesas Operacionais	
Despesas Sub. Prefeitura M. PN	(29.997,51)
Despesas Sub. Minist. Saúde-SIASUS	(49.840,59)
Despesas Sub. Secret. Estado Saúde MG	(4.530,09)
Despesas com Recurso do Programa PAED	(7.497,00)
Despesas de Doações em Geral	(59.130,03)
Despesas do Conselho Assistência Social	(18.445,70)
Despesas Sub. Prefeitura de Rio Doce	(12.000,00)
Despesas Subv. Prefeitura Sta. Cruz do Escalv.	(6.000,00)
Receitas/Despesas Financeiras	
Receitas Financeiras	319,02
Despesas Financeiras	(578,53)
Despesas de Exercícios Anteriores	
Contas Tributação Específica	
Aprovação do Resultado	2.546,91
Reconhecemos a exatidão do presente demonstrativo, realizado em 31 de dezembro de 2006.	
ATIVO	
Circulante	
Disponível	1.200,00
Caixa Geral	694,92
Depósitos Bancários à Vista	(2.284,42)
Chques Emitidos	1.637,11
Aplicações Financeiras	73,25
Outros Créditos	1.326,86
Impostos a recuperar	1.356,14
Realizável a Longo Prazo	1.356,14
Créditos e Valores a Longo Prazo	1.356,14
Créditos e Valores	1.356,14
Permanente	
Imobilizações Custo Corrigido	

EDITAL DE LEILÃO EXTRAJUDICIAL
SEGUNDO E ÚLTIMO PÚBLICO LEILÃO E INTIMAÇÃO
FERNANDO PESSOA, Leiloeiro Oficial, estabelecido à Rua Teixeira Magalhães, nº 133, Floresta, Belo

Fonte: FOLHA DE PONTE NOVA, Ponte Nova, 30 de Março de 2007

Figura 1. Reportagem sobre pesquisa social na periferia de Ponte Nova

³ Diagnóstico social dos Bairros de Fátima, Palmeirense, São Pedro, Cidade Nova e Novo Horizonte; foi proposto pela AQHB para melhor conhecimento da situação social dos bairros de periferia da cidade, realizado por Excelência Consultoria e Serviços.

A comunidade do bairro de Fátima, conhecido até pouco tempo como “Sapé” é uma das mais antigas da cidade. A maioria de seus moradores são descendentes de escravos que foram trazidos para a região para trabalhar nas lavouras da cana-de-açúcar. Os trabalhadores envelhecidos e desempregados do campo, sem ter para onde ir e morar iam para o lugar mais distante da cidade até então e fincavam suas casas de sapé.

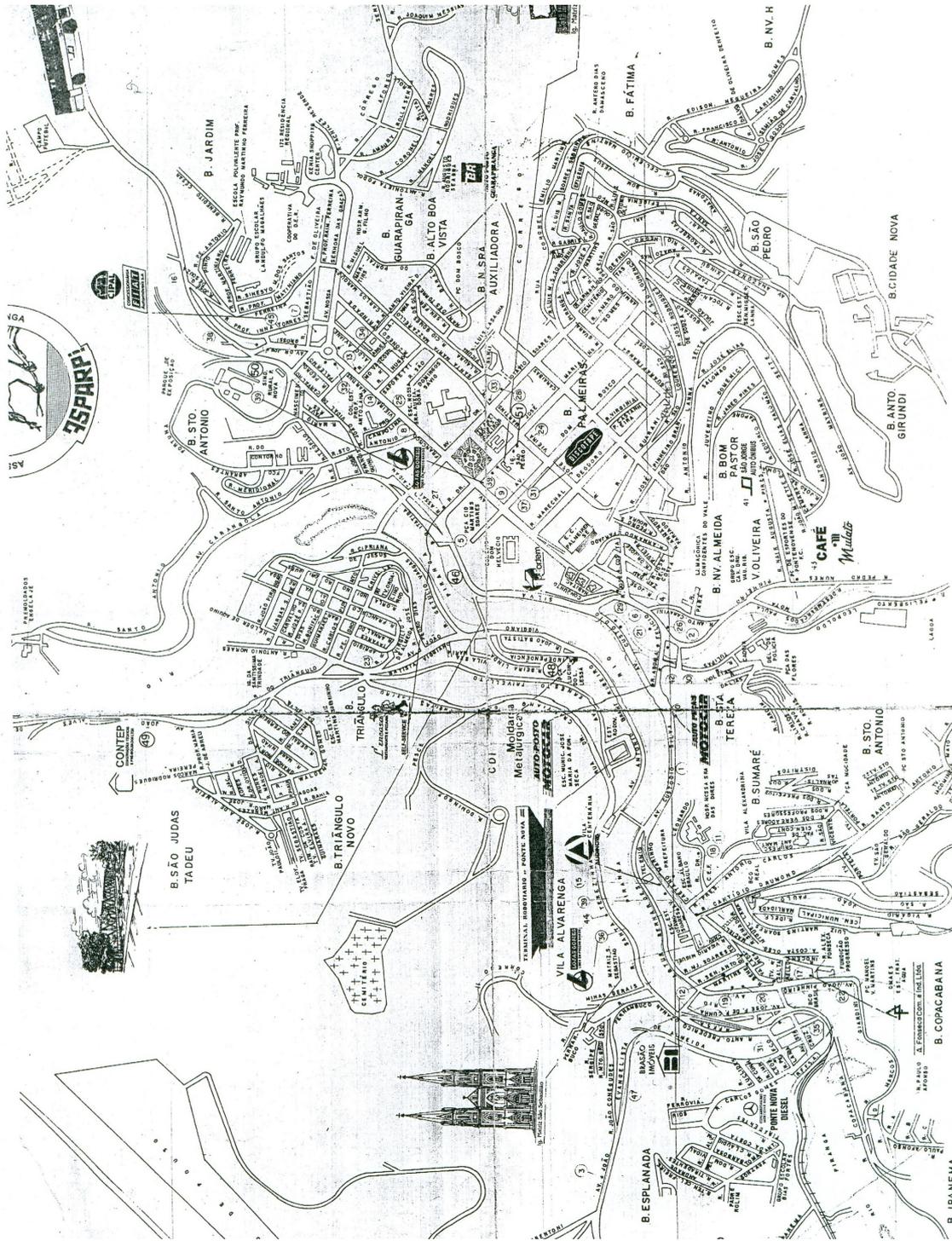


Figura 2. Mapa da cidade de Ponte Nova

Também no diagnóstico é apontado o fato de que 75,88% dos entrevistados acreditam na existência da discriminação racial no município e 35,53% já se sentiram discriminados. Dos moradores do bairro de Fátima 77,50% acreditam na existência da discriminação racial na cidade, sendo que 33,75% já se sentiram discriminados em alguma ocasião.

Várias situações de preconceito foram colocadas pelos moradores do bairro de Fátima, como exemplo, maus tratos ao entrarem nas lojas da cidade para comprar algum produto, piadinhas e comentários discriminatórios nas escolas, dificuldade de conseguir emprego pela questão da aparência, tratamento violento de policiais.

Na cidade de Ponte Nova, por muito tempo, se usou a expressão “negro do sapé” para se referir aos moradores do bairro. E ainda hoje é utilizada por muitos para se referir a algum aspecto negativo do bairro.

A visão sobre o bairro no restante da cidade é baseada em estigmas que perpassam a questões da pobreza, da marginalidade, da cor da pele e da violência. Por isso tem dificuldade de se inserir nos espaços de manifestações culturais e artísticas, de discussão política, assim como no mercado de trabalho local.

Um dos momentos de participação da comunidade numa festividade da cidade, na comemoração de “Descobrimento” do Brasil, algumas mulheres da comunidade foram convidadas para fazer uma apresentação de dança na cidade. Buscando fazer algo diferente prepararam a apresentação com músicas que falavam sobre raça e etnia de músicos brasileiros consagrados como Martinho da Vila e Leci Brandão, além das duas músicas em dialeto africano citadas abaixo.

Nkosi sikele’i Afrika

*Nkosi sikele’i Afrika
Makupha kanyslw’ uphondo iwayo
Yizwa imithandazo yethu
Nkosi sikelela, Nkosi sikelela
Nkosi sikele’i Afrika
Makupha kanyslw’ uphondo iwayo
Yizwa imithandazo yethu
Nkosi sikelela, Thina lusapho iwayo*

Tradução livre

Abençoe a África, Oh! Senhor!

*Abençoe a África, Oh! Senhor!
Faça elevar a sua trompa*

*Da esperança
Ouça também “nossos rogos”
Abençoe, Oh! Senhor
Abençoe, Oh! Senhor*

***So Bashiya Bahlala Ekhaya
(Hino da Juventude Negra da África do Sul)
Autor: Grupo Cultural do Congresso Nacional Africano***

*So Bashiya Bahlala Ekhaya
Saphuma sangena kwamanye amanzwe
Lathokungazi khona ubanoma
No mamahlale inkululeko*

*Se si bahlala ekhaya
Se si thi ngena kwamanye amanzwe
Lathokungazi khona ubanoma
No mamahlale inkululeko*

*So Bashiya ba Thobeni
Saphuma sangena kwamanye amanzwe
Lathokungazi khona ubanoma
No mamahlale inkululeko*

***Tradução livre
Vamos deixar nosso país***

*Vamos deixar o lar nosso país
Deixar a casa de nossos pais
Onde tanto o pai e a mãe
Os familiares não sabem
Nunca foram em busca da liberdade
Vamos deixar a humilhação*

As músicas trouxeram uma aproximação entre aquelas mulheres e a história de seus ancestrais africanos trazidos para o Brasil. Diante disso, elas resolveram criar o Grupo Afro Ganga Zumba. Inicialmente os objetivos do grupo giravam em torno da dança afro, queriam conhecer, discutir um novo estilo de dança. Nesta época, estavam surgindo em Ponte Nova muitas academias e havia uma demanda não contemplada por uma dança afro que tivesse a marca da cultura e do ritmos tradicionais africanos e afro-brasileiros. As atividades do grupo desde então são relacionadas aos ritmos e danças afro contemporâneas, citando o Olodum como maior referência desse movimento.

No ano de 2002, alguns integrantes do grupo se inseriram numa discussão sobre a situação de risco da região periférica da cidade de Ponte Nova, promovida pela prefeitura da cidade, que culminou com a realização de um Fórum Social pela Vida. Este contou com a mobilização de todos os bairros de periferia, que tiraram delegados para representá-los no Fórum Municipal onde foram criadas metas de trabalho para melhora da qualidade de vida dessas populações. Um dos grandes debates no fórum foi a necessidade de realização de atividades com as crianças, possibilitando-lhes espaços de conhecimento, lazer e exercício da cidadania.

A sugestão de trabalhar a questão do resgate cultural e da identidade afro-pontenovense com crianças foi levada para o Grupo Ganga Zumba, que possuía infraestrutura para realização das atividades. Após meses de discussão, o grupo optou por não concretizar a proposta, visto que o trabalho de formação com crianças não era uma de suas prioridades.

Por não continuar trilhando o mesmo pensamento do grupo Ganga Zumba e por acreditar na importância do trabalho com as crianças, alguns integrantes resolveram criar outro grupo. Surge então, a Associação Quilombola Herdeiros do Banzo fundada no ano de 2003, a partir da organização de um grupo de pessoas que considerava que a comunidade precisava de um trabalho com as crianças. (Ver anexo 1)

A Associação Quilombola Herdeiros do Banzo foi criada numa estratégia política para aglutinar a sociedade do bairro com o objetivo de reivindicar uma posição social, política e cultural diferente, isto é, melhor; lutam também contra uma cultura esmagadora e homogeneizante imposta pelos grupos dominantes.

A Associação envolve hoje cerca de oitenta participantes efetivos, dos quais sessenta e quatro são crianças, residentes dos bairros de Fátima, São Pedro, Novo Horizonte, Palmeirense e Cidade Nova. Suas atividades e núcleos se concentram no bairro de Fátima, mais antigo desses bairros.

Os principais objetivos desta Associação são a reconstrução de uma historicidade e geografia afro-descendente, a valorização da cultura afro-brasileira através da recriação inovadora e transformadora, trabalhando com elementos que vão da afirmação cultural ao desenvolvimento local.

Conforme a presidente os intuítos da associação são

[...] justamente discutir identidade né, dentro da historicidade, rediscutir... a identidade negra já foi discutida uma série de vezes, mas

a gente queria rediscutir a partir da prática, não a partir do teórico. A partir das vivências, das experiências, da própria experiência de formar grupos, como é que se dava isso, eu queria que eles entendessem como é que era uma organização de quilombos, como é que as pessoas se doavam nessas entidades, tanto que a nossa preocupação é que tenha idosos na entidade, jovens, crianças, que a gente tenta um pouco rememorando a prática dos quilombos, que as pessoas se juntavam pra partilhar o que tinham de melhor e a gente acha que dentro da sociedade de hoje o que a gente tem de melhor pra partilhar é justamente cada negro que consegue se situar, entender, decodificar esses sinais da sociedade ele dividir com os outros né. Então é um pouco isso buscar essa historicidade, esse resgate e também uma inserção social maior pra que essa juventude que tá com a gente, as pessoas do bairro entendam porque o negro hoje tem que viver no bairro periférico com índice grande de violência, esse novo olhar da discriminação. Aonde que nós vamos ver a discriminação focalizada, é nos bairros periféricos, e assim por diante [...] ⁴

A opção em ter o termo quilombola no nome da Associação aconteceu devido a um pedido dos integrantes do Ganga Zumba, pois naquele momento o conceito começava a ser muito utilizado pelo movimento negro. E também como estratégia de política pública territorial a utilização da designação de associação foi estabelecida por uma orientação jurídica, já que isso implica em maior aparato legal para sua existência. (Ver anexo 2)

As atividades da AQHB se dão em quatro eixos de trabalho que perpassam a educação de crianças e adolescentes, discussões permanentes sobre história dos povos negros, políticas públicas, ações afirmativas e discussão sobre o papel dos negros na atualidade, além de geração de trabalho e renda.

O núcleo Akatu Erê desenvolve um trabalho com crianças e adolescentes, são promovidas atividades educativas através da confecção de artesanato, oficinas psicopedagógicas e resgate cultural das músicas e ritmos africanos e afro-pontenovenses, cantoria, percussão e confecção de instrumentos.

⁴ Entrevista realizada em 04 de novembro de 2007.



Fonte: ARQUIVO AQHB, Ponte Nova, sem data

Figura 3. Crianças do projeto Akatu êre tocando os ritmos afro.

Na fala da presidente este núcleo tem a seguinte finalidade:

[...] O objetivo do trabalho com as crianças é justamente trabalhar a cidadania afro com crianças. Saber viver em grupo, brincar, dividir, ter o espaço dela e também fazer discussão de um futuro melhor, é ela se ver no bairro dela, ter um outro olhar pro bairro dela. E se preparar para o futuro, proporcionar também a essas crianças outras experiências que não seja só do bairro dela, o contato com outros grupos com outras crianças, com outras culturas, com outras realidades. É por isso que a gente tem sempre esse intercambio com outras cidades. Que até a condição social mesmo não permite esse intercambio. Eles sempre ficam ali naquele lugar, naquele espaço. Pra você ter uma idéia ano retrasado nós fomos com os meninos ali naquela avenida e 90% dos meninos daqui não conheciam a Igreja da matriz. Eles ficaram encantados quando viram a igreja, eles olhavam assim... então até o próprio espaço da cidade eles não conhecem, eles não conheciam a escola normal, vários espaços eles não conheciam e também a gente tem preocupação com a questão de estudos deles, com a questão do empreendedorismo, que é uma das metas que a gente vai trabalhar agora, a juventude empreendedora [...]



Fonte: ARQUIVO AQHB, Ponte Nova, sem data

Figura 4. Atividade lúdica do projeto Akatu êre

A Cantoria Irmandade Bantu faz o resgate das cantorias de louvação, dos amores, do cotidiano do povo afro-pontenovense e da região, sobretudo dos congueiros dos canaviais de Ponte Nova. Desenvolve atividades de percussão e cantoria de cantigas tradicionais ou criadas pelo próprio grupo, como as músicas “*Minha História*” e “*Mandou chamar*” citadas abaixo, que são de autoria de José Eustáquio dos Santos, conhecido na comunidade como Taquin.

Herdeiros do Banzo
(Minha História)

Sou Herdeiro, Herdeiro do Banzo eu sou
Vou contar minha história ô êre
Eu vou, eu vou, eu vou

Em um porão de um grande navio, atravessamos o mar
Foi uma longa viagem meu Deus, mas conseguimos chegar
Uns nasceram e outros morreram ô êre
Ouçam os herdeiros contar

Nas lavouras e nos engenhos, numa total escravidão
Das senzalas e minas de ouro, nasceu o negro fujão
E grandes quilombos surgiram ô êre
Herdeiros é só louvação

No batuque dos atabaques, dançando makulêlê

*Berimbau, tambor de folia, afoxé e cateretê
Herdeiros do Banzo sabemos que somos ô êre
Viemos contar pra você*

*Sou Herdeiro, Herdeiro do Banzo eu sou
Sou cativo persistente ô êre, eu sou, eu sou, eu sou
Nossa luta é secular, um busca de conquista
Ô êre, eu vou, eu vou, eu vou
Nós viemos, viemos pra cantar
Sem perder nossas origens ô êre, cantar para mudar
Sou Herdeiro, Herdeiro do Banzo eu sou
Já contei a minha história ô êre
Um vencedor eu sou*

Mandou me chamar

*Oi dá licença que eu quero entrar
Herdeiros do Banzo mandou me chamar
Sou tocador e quero tocar
Herdeiros do Banzo mandou me chamar*

*Oi dá licença que eu quero entrar
Herdeiros do Banzo mandou me chamar
Sou cantador e quero cantar
Herdeiros do Banzo mandou me chamar*

*Oi dá licença que eu quero entrar
Herdeiros do Banzo mandou me chamar
Sou dançador e quero dançar
Herdeiros do Banzo mandou me chamar*

*Eu sou Guarda e quero guardar
Herdeiros do Banzo mandou me chamar
Sou tocador e quero tocar
Herdeiros do Banzo mandou me chamar
Sou cantador e quero cantar
Herdeiros do Banzo mandou me chamar
Sou dançador e quero dançar
Herdeiros do Banzo mandou me chamar*



Fonte: ARQUIVO AQHB, Ponte Nova, sem data

Figura 5. Apresentação da Cantoria Irmandade Bantu

O Ciclo Cultural promove debates, divulgação e estudos sobre a ancestralidade e contemporaneidade da etnia africana e afro-brasileira. Sua meta é debater cultura, criando um momento para se pensar o significado dos trabalhos culturais realizados pelo grupo. Buscam assim, mostrar que as apresentações musicais não são simples números artísticos, mas que tem um apelo histórico e uma tradição.

Compreender que as tradições culturais de matriz africana, ou seja, a história desses povos, sua ancestralidade, religiosidade, músicas, danças e formas de ver o mundo influenciam e fundamentam a construção permanente da cultura e identidade negras no Brasil, por isso devem ser afirmadas e valorizadas. Para ilustrar, disponibilizamos o texto “*Um Funeral Moçambique em 1830*” lido e interpretado num dos encontros do Ciclo, este foi relacionado ao ritual da música “*Funeral do Negro*” cantada pelo Grupo de Cantoria Irmandade Bantu.

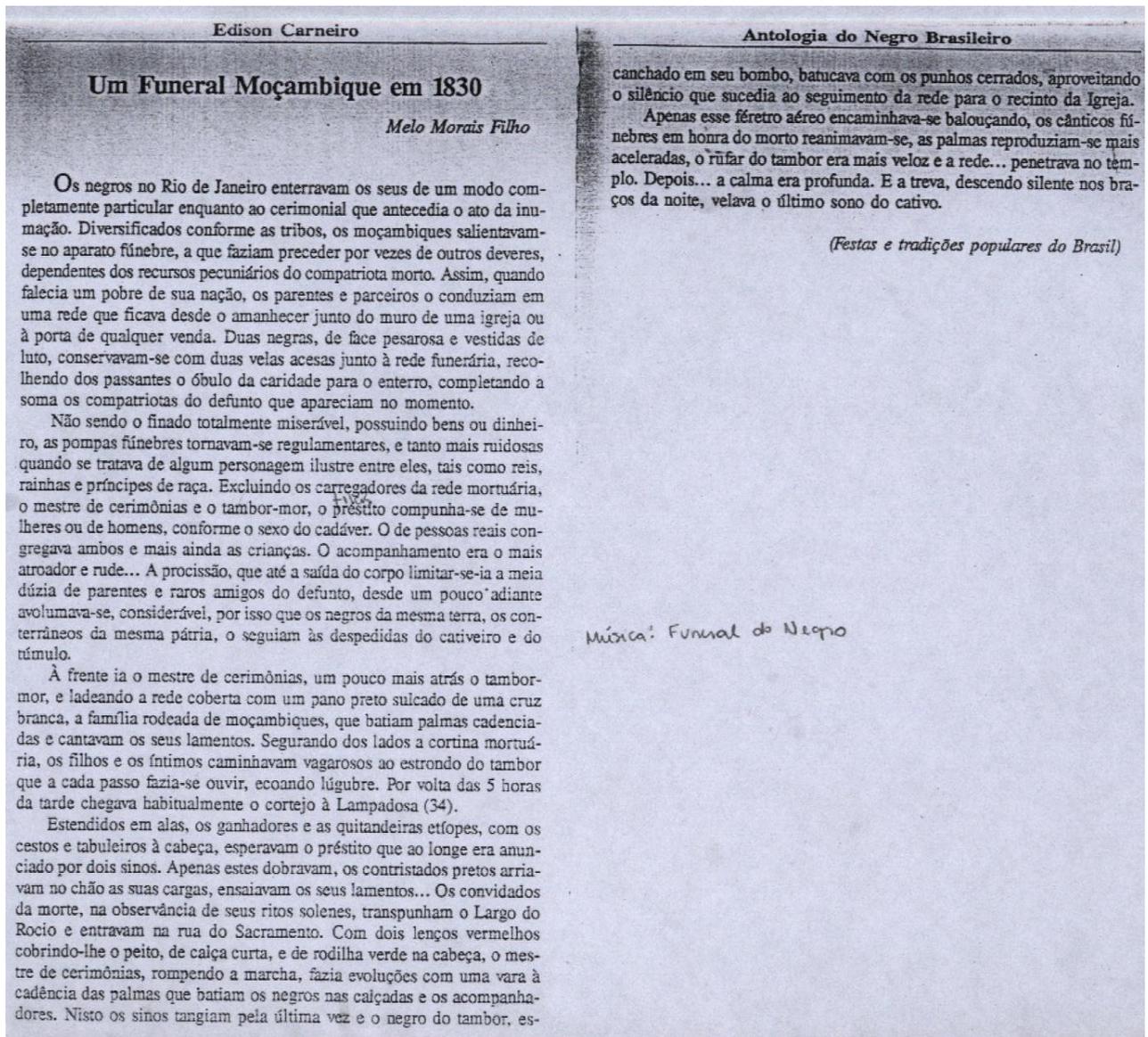


Figura 6. Texto trabalhado no Ciclo Cultural

O núcleo Retalharte trabalha na confecção de vestuários e têxteis, com o aproveitamento de retalhos. Mulheres da comunidade que faziam diversos tipos de artesanatos para suas casas ou familiares se uniram para trocar experiências e agregar valor ao trabalho que é vendido no bairro ou em eventos e feiras para os quais sejam convidadas. O dinheiro levantado com as vendas é revertido para a associação.



Fonte: ARQUIVO AQHB, Ponte Nova, sem data

Figura 7. Exposição dos produtos da Retalharte



Fonte: FOLHA DE PONTE NOVA, Ponte Nova, 23 de setembro de 2005

Figura 8. Recorte de jornal retratando exposição da Retalharte

3. 2 – A AQHB e o Bairro de Fátima

Consideramos com isso que a comunidade faz parte do universo de reprodução das tradições e formas de viver dos povos africano-brasileiros e busca acabar com a

condição de exclusão em que vivem. Neste sentido, a dificuldade de inclusão, com perspectivas igualitárias dos povos discriminados no Brasil é um fato corroborado pelas análises que apontam para os lugares marginais ocupados pelos povos negros e da dificuldade de difundir de forma positiva sua cultura e identidade. Por isso, tais grupos vêm travando lutas por direitos a cidadania, reconhecimento da sua importância na formação do nosso país, valorização social e cultural, acesso ao trabalho e a educação.

O bairro é considerado por muitos como sendo violento e perigoso, seus habitantes enfrentam problemas ligados a questão da pobreza e da dificuldade de inserção social. A associação trouxe para os moradores do bairro novas idéias, conhecimentos, questões e possibilidades. Muitas mudanças são destacadas pelos integrantes tanto na relação entre a comunidade, quanto dessa com a cidade. Um novo olhar sobre o bairro foi criado, tanto pelos próprios moradores, como pelos habitantes de outros bairros da cidade de Ponte Nova.

Através do trabalho da Associação a relação da comunidade com a cidade se modificou em vários aspectos. No entanto, as questões do preconceito racial e da violência ainda influenciam muito o olhar da cidade sobre o bairro, mas a Associação deu um novo tipo de visibilidade ao núcleo habitacional de Fátima. Pois, tem se destacado positivamente em eventos e feiras como exemplo do Primeiro Salão Literário de Ponte Nova, realizado na Escola Dom Helvécio, umas das instituições privadas de ensino mais tradicionais da cidade. Neste foram expostos os produtos da Retalharte, além de o encerramento do evento ter sido feito com a apresentação da Cantoria Irmandade Bantu.

Na fala da presidente da associação fica expressa a forma como a cidade olha para o bairro, o que nos ajuda a entender melhor essa relação da comunidade com o resto da cidade.

[...] Então a relação da cidade ainda é de temor, mas agora o grupo aqui já é diferente, ele já vai já participa dos espaços. Pra você ver eles [Grupo de Cantoria Irmandade Bantu] marcaram ensaios do grupo na casa de cultura, iniciativa deles, eles já descobriram ir e vir, o intercambio por eles, poderiam fazer o ensaio aqui, então já tão ocupando espaço, já tão entendendo isso, perderam o medo. E eu acho isso um grande avanço, e cada vez que eles saírem mais e ocuparem esses espaços, igual no jornal, toda semana a associação ocupa um espaço no jornal como uma coisa positiva do bairro⁵, então sempre você vê que tem coisa ruim, mas que tem um grupo que ta querendo que ta fazendo e eu acho que muda muito o olhar da cidade do bairro.

⁵ Ver Anexo 3

Tem o Ensino Médio também discutido pelo grupo, ta sendo muito elogiada a iniciativa, conseguimos trazer o ensino médio pra aqui, isso ajuda demais a visão [...]

O aumento da auto-estima é colocado como um fator de destaque na atuação da associação na comunidade. Seus integrantes apontam o trabalho com as crianças como um motor para que o bairro seja entendido como um lugar melhor de se viver, onde o lazer, o aprendizado e a vivência da infância equivalham a momentos de crescimento individual e coletivo.

Desde criança se inicia o processo de afirmação do indivíduo, pois desde esse momento a criança começa a aprender sobre a vida em sociedade, assimilar valores e pensamentos.

As crianças do bairro têm oportunidade de ter contato com a música, histórias, cantares e danças do povo Bantu. Eles confeccionam instrumentos de origem africana, como tambores, com material reciclado; desenvolvem novas formas de raciocínio e fazem um trabalho integrado a outras crianças e adultos, num espaço criado e mantido dentro da comunidade, por seus moradores.

Por meio do trabalho realizado no Ciclo Cultural muitas informações foram trocadas sobre a etnia dos negros, sobre seus costumes. Isso possibilitou criar o repertório da Cantoria Irmandade Bantu e dos Tambores do Akatuerê, que são focados nos ritmos africanos. Assim como permitiu que optassem conscientemente por assumir sua negritude. Esta é uma postura de elevação do orgulho e dos valores dos povos de herança africana, na luta pelo fortalecimento anti-racista e da dignidade dos negros.

Na música “*Minha História*”⁶ observa-se trechos que sinalizam a busca pelo fortalecimento da memória e da história de luta dos ancestrais negros. Como exemplo do trecho citado abaixo:

*“Sou Herdeiro, Herdeiro do Banzo eu sou
Sou cativo persistente ô êre, eu sou, eu sou, eu sou
Nossa luta é secular, um busca de conquista
Ô êre, eu vou, eu vou, eu vou
Nós viemos, viemos pra cantar
Sem perder nossas origens ô êre, cantar para mudar
Sou Herdeiro, Herdeiro do Banzo eu sou
Já contei a minha história ô êre
Um vencedor eu sou”*

⁶ Prescrita na página 29.

Ao se auto-afirmarem Herdeiros do Banzo⁷, o grupo dá ênfase a tristeza causada pela falta de prestígio aos valores do legado de seus povos antepassados, denunciam também o processo de escravidão e se afirmam como aqueles que ainda persistem travando a batalha por reconhecimento e conquistas.

A música “*Mandou me Chamar*”⁸ tem trechos iniciados pela frase “Oi dá licença que eu quero entrar”, como o citado a seguir:

Oi dá licença que eu quero entrar
Herdeiros do Banzo mandou me chamar
Sou tocador e quero tocar
Herdeiros do Banzo mandou me chamar

Tal música retrata a vontade de conquistar espaços, de difundir a cultura, as tradições, as crenças, as formas de tocar, cantar e dançar dos negros brasileiros. Entendendo-se como guardiões e disseminadores de traços da etnia africana e afro-brasileira, reivindicam através da musicalidade o direito de se expressar livremente e reconhecidamente como um povo rico culturalmente.

O debate proporcionado pelas atividades da AQHB permite aos seus integrantes a tomada de uma postura que ultrapassa a luta pela valorização cultural pura e simplesmente. Tem-se uma amplitude maior de percepção sobre a batalha, que deve se dar em vários eixos interconectados. Por exemplo, se inserindo em fóruns de debates políticos. (Ver anexo 4)

Num tempo de existência de três anos, os integrantes da AQHB são considerados lideranças do bairro. As direções do trabalho do grupo são pensadas pelos próprios integrantes. As linhas de ação não se dão exclusivamente em torno dos núcleos, a Associação participa de todos os debates pertinentes a vida no bairro. Foi assim que, no ano de 2007, depois de uma discussão junto a Secretaria Municipal de Educação, os moradores conseguiram implantar no bairro o Ensino Médio, que até então era inexistente nas proximidades.

Por não contar com uma sede, as atividades da Associação, como reuniões e trabalhos do Akatuerê, acontecem nas instalações da Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima, na Associação dos Alcoólicos Anônimos e na Capela Nossa Senhora de Fátima.

⁷ Banzo designa a tristeza mortal que arrebatava os negros africanos que eram retirados de seus países para viver como escravos.

⁸ Integra na página 30.

A Associação ocupa o espaço da escola nos horários em os alunos não estão tendo aulas, sendo que algumas atividades são feitas em conjunto, mas não há muita inserção da associação no dia-a-dia da escola.

Com a igreja, já existe uma maior proximidade, a AQHB participa de todos os momentos cruciais da igreja, ajuda na organização das festividades e celebrações. Inclusive o Padre da paróquia é integrante do grupo. (Ver anexo 5)

Acreditamos que as ações da Associação Quilombola Herdeiros do Banzo transformaram a dinâmica da comunidade do bairro de Fátima, não só no que diz respeito a afirmação étnico-racial de origem negra, mas permitiu também uma nova forma de assimilação dos espaços do bairro e da cidade. Estes espaços se transformaram concomitantemente, num processo de identificação, apropriação e territorialização decorridos diante da capacidade do grupo de se fazer presente e atuante sobre o espaço.

A territorialidade da AQHB não tem suas fronteiras rigidamente delimitadas, a unidade se constitui por uma questão simbólica. É a identidade étnica que estabelece o alcance da referência territorial, do que se entende como pertencente à comunidade, que são considerados iguais.

As formas de intervenção e influência da Associação são cruciais para o entendimento de que a apropriação do espaço pelos segmentos sociais se dá num processo de embate político, uma vez que, retrata a maneira como eles podem usar o território, dando sentido a ele. Assim sendo, coloca em evidência o fato de que neste caso, por exemplo, uma determinada fração do espaço urbano é influenciada por uma lógica diferente daquela alicerçada pelo poder tradicional constituído dos grupos hegemônicos, e sim, em favor das aspirações do grupo representado pela AQHB.

Considerações finais

Tentamos durante o nosso trabalho discorrer sobre as estratégias dos grupos étnicos para resistir e em torno de que se formam, tendo como compreensão que o território onde se relacionam é parte importante desse processo.

Temos clareza da dificuldade de produzir com tão pouca experiência e tempo hábil para a realização do trabalho, um texto que traga o máximo de compreensão possível sobre o tema. Sabemos, portanto, que para decodificar mais complexamente as nuances que envolvem a discussão sobre a questão da conformação étnica no Brasil, há a necessidade da continuação de um estudo mais sistemático e completo sobre o assunto.

Mas, no entanto, a discussão estabelecida com este estudo nos trouxe grandes apontamentos e contribuições acerca das estratégias de reprodução cultural dos grupos unidos pelo pertencimento étnico de origem negra, e também, sobre as transformações influenciadas por estes sobre a dinâmica territorial.

No processo de constituição do que denominamos hoje de povo brasileiro, privilegiaram-se os estilos de vida e cultura nos moldes brancos ocidentais, em prejuízo das tradições africanas e afro-brasileiras. Mas, contra essa condição, observamos que esses povos criaram uma trajetória de não submissão passiva, que se deu através de diversas estratégias de resignificação de valores, crenças, costumes e elementos culturais, por meio, dentre outras, da organização político-cultural de grupos que se identificam pela questão da etnia.

Elementos da cultura ancestral e a identidade étnica africano-brasileiras são reafirmados como opção consciente de valorização das suas tradições e em contraste a idéia forjada de unidade cultural, da qual não se sentem pertencentes.

A formação de um grupo étnico, como exemplo da Associação Quilombola Herdeiros do Banzo, acontece diante da compreensão de que algo lhes torna diferentes dos demais. Estas pessoas se uniram em torno da identificação de que sofrem preconceito e discriminação, pelo fato de serem negros, moradores da periferia.

O fato de morar no bairro de Fátima traz uma gama de caracterizações que identificam seus moradores, tornados diferentes do resto da cidade. Ao se sentirem diferentes e ao observarem que essa diferença subsidia a desigualdade, surge a necessidade de afirmar positivamente determinados traços. Se unem por serem negros e os elementos culturais constitutivos da origem afro são resgatados. Este resgate não

pode ser entendido como simples levantamento das tradições, e sim como novas formas de lidar com a cultura, recriando-a, resignificando-a.

O simbólico é parte importante do processo de recriação das tradições culturais. O uso das roupas e cabelos de tendência afro; cantar e tocar os ritmos da musicalidade Iorubá, inclusive em dialetos africanos, o assumir a negritude positivamente são algumas das táticas de recriação e resignificação dos elementos da tradição africana e afro-brasileira. São novas formas de lidar com aquilo que marca sua condição de diferente. Assumir-se como negro, é antes de tudo, uma posição política pela valorização desses povos.

A construção simbólica da identidade do grupo se dá no contexto das relações estabelecidas entre a comunidade e os outros bairros da cidade, que não são seus lugares. A identidade territorial dos moradores do bairro foi criada na mobilização pela inserção social. E a etnia é o discurso que dá coesão ao grupo.

Essa organização do grupo pela afirmação comunitária é motivada reciprocamente pelo lugar onde moram. Ao reivindicarem outro papel e condição, se movimentam pela incidência de uma nova ordem espacial que possibilite a reprodução de suas particularidades, dando-lhes visibilidade.

Assim, as ações da Associação Quilombola Herdeiros do Banzo aglutinam a sociedade do bairro, pela inserção em espaços antes não ocupados por seus moradores, pelo desenvolvimento de atividades na comunidade que dão novo sentido ao lugar, pela nova maneira de dar visibilidade ao bairro.

A territorialidade, como explicitado anteriormente, pressupõe a influência sobre a ordem sócio-espacial. A organização do grupo no espaço, a apropriação simbólica do bairro como sendo seu lugar privilegiado de reprodução e referência, local de origem que deve possibilitar sua sobrevivência e a expressão das particularidades culturais que dão coesão ao grupo são formas de territorialização que incidem sobre a dinâmica do bairro.

Em outro âmbito, as reflexões necessárias para a elaboração do trabalho foram de fundamental importância para a formação enquanto pesquisador. Possibilitou o conhecimento, a dedicação e o exercício do processo teórico-metodológico imanente a pesquisa científica. Ressalvando-se que isso, não implicou na contemplação de todo o arcabouço discursivo sobre a temática proposta.

São reconhecidos alguns limites para a realização de tal proposição, dentre os quais destacamos a necessidade de uma investigação mais aprofundada, um maior grau

de experiência em pesquisa científica, além da observação do fenômeno analisado se tratar de um acontecimento multifacetado, perpassado por uma discussão teórico-conceitual complexa.

A partir desse trabalho, novas perspectivas surgiram principalmente no que diz respeito ao entendimento de que a organização dos grupos sociais contra a ordem opressora vigente se faz necessária e possível. O melhor entendimento desse processo fez crescer a vontade de continuar o exercício do embate teórico e prático pela afirmação da diversidade como elemento positivo.

Que o trabalho seja, além disso, capaz de servir como material reflexivo e encorajador na luta da Associação Quilombola Herdeiros do Banzo pela recriação da cultura e das tradições dos povos negros no Brasil.

Referências Bibliográficas

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. **Capoeira Angola: cultura popular e o jogo dos saberes na roda.** Campinas, SP. UNICAMP/CMU; Salvador: EDUFBA, 2005. 244 p.

ALDÉ, Lorenzo. Etnia, pra que te quero. **Revista de História da Biblioteca Nacional.** Rio de Janeiro, edição n.18, p. 16-27, mar. 2007.

ASSIS, Marta Diniz Paulo de; CANEN, Ana. **Identidade negra e espaço educacional: vozes, histórias e contribuições do multiculturalismo.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015742004000300010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 abr. 2007.

BACKES, José Licínio. **Articulando raça e classe: efeitos para a construção da identidade afrodescendente.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010173302006000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 abr. 2007

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e Etnia: construção da pessoa e resistência cultural.** São Paulo: Brasiliense. 1986. 173 p.

BOSSÉ, Mathias Le. As questões de identidade em geografia cultural – algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. (org.). **Paisagens, textos e identidade.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p.157-179.

CAMPOS, Andrelino. **Do Quilombo à Favela: a Produção do “Espaço Criminalizado” no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 208 p.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas – Estratégias para entrar e sair da modernidade.** 4.ed. São Paulo: EdUSP, 2003. p. 1-66.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3ed. São Paulo: Atlas, 1991. 159 p.

GOMES^a, Nilma Lino. **Cultura negra e educação.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141324782003000200006&lng=pt&nrm=iso. 2003. Acesso em: 15 mai. 2007.

GOMES^b, Paulo César da Costa. **A Condição Urbana: Ensaios de Geopolítica da Cidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 304 p.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e Identidade: a rede gaúcha no Nordeste.** Niterói: EDUFF, 1997. 293 p.

_____. **Territórios alternativos.** Niterói: EdUFF; São Paulo: CONTEXTO, 2002. 186 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 9 ed. Rio de Janeiro: DP e A, 2004. 102 p.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (org). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2001. p. 17-44.

MAGGIE, Yvonne; REZENDE, Carlos Barcellos. Raça como retórica: a construção da diferença. In: MAGGIE, Yvonne; REZENDE, Carlos Barcellos (org.). **Raça como retórica: a construção da diferença**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 11-25.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006. 224 p.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. Identidade étnica, identificação e manipulação. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **Identidade, Etnia e Estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1976. p. 1-30.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003. p. 1-44.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1995. p. 1-164.

Anexos

Anexo 1.

ATA DE POSSE DA DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO

ATA n.º 1

ELEIÇÃO e Posse da Associação Quilombolas Herdeiras do Banço

Aos 12 (doze) dias do mês de maio, de 2006, do 10.º M na sala número 9 (nove), da Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima, no bairro de Fátima. Iniciando a assembleia D. Dodora Costa explicou o processo de amadurecimento da Associação Quilombolas Herdeiras do Banço, ao longo destes 3 anos, de funcionamento. Segundo a mesma, estes três anos serviram de amadurecimento. O Trabalho foi iniciado em 04 (quatro) de abril de 2003 e a partir daí só cresceu. Hoje é a culminância de um processo. Em seguida apresentaram a chapa assim constituída: Presidente - Maria Auxiliadora de Fátima Costa Souza, Vice-presidente - Carlos Rogério Gomes da Silva 1.º secretário: Anderson da Silva Jesus, 2.º secretário: Maria da Conceição Lisboa, 1.º tesoureiro: Arlindo José da Silva, 2.º tesoureiro: Cristiano Luiz de Souza, Conselho Fiscal: Silvío Custódio, Francisco Moreto Hipólito, Maria de Fátima Silva Costa, José Luiz da Silva, Digo da Silva, Leidiante Maria da Silva, Maria delFINA dos Santos. sendo as seguintes comissões temáticas que formam a direção colegiada: ciclo cultura: coordenadoras Maria Auxiliadora de Fátima Costa Souza, Carlos Rogério Gomes da Silva, Prigeto Akatu Ére Lucía Silva Alves e Jaime Fernandes Nunes Retalhante: Rosângela Aparecida dos Santos e Tatiana Maria Ferreira, grupo de cantoria: José Eustáquio dos Santos e Maria dos Graças Hipólito. Em seguida foi lido o Estatuto da Associação que foi debatido e explicado. A diretoria foi eleita por aclamação e o Estatuto aprovado sem ressalvas. Em seguida D. Dodora Costa marcou a reunião ordinária para a última terça-feira do mês de maio. Nada mais tendo



2
Alguém

Lista de presença da Eleição da Associação
 ezeiros de Banzo. 12/05/06. local: Escola
 Municipal Nossa Senhora de Fátima 19:00 hs -
 Rafael Eustáquio Lisboa dos Santos; Carlos Rogério
 Gomes da Silva, Catiama Maria A. Moreira;
 Rosângela Aparecida Lisboa dos Santos; Maria da Conceição Koiz
 wa, Arlindo José da Silva, Leidiame Maria da Silva,
 Maria Delfina dos Santos, Maria Amaladora de F. Costa Souza
 Maria das Graças Cipalito, M^o de Fátima da Silva Costa
 Francisco Inácio de Paula Gusst R.A. dos Santos, Frei Eustáquio
 dos Santos, Antônio da Silva para Antônio de Almeida Silva. Maria
 Silva Phos. José Inácio de Almeida Silva, Cristiano
 Luis de Jesus, José Luiz de Almeida



Fonte: ARQUIVO AQHB, Ponte Nova, sem data

Anexo 2.

CADASTRO DA ASSOCIAÇÃO

 REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL CADASTRO NACIONAL DA PESSOA JURÍDICA			
NÚMERO DE INSCRIÇÃO 08.630.419/0001-39		COMPROVANTE DE INSCRIÇÃO E DE SITUAÇÃO CADASTRAL	
DATA DE ABERTURA 19/01/2007			
NOME EMPRESARIAL ASSOCIAO QUILOMBOLA HERDEIROS DO BANZO			
TÍTULO DO ESTABELECIMENTO (NOME DE FANTASIA) ASSOCIAO QUILOMBOLA HERDEIROS DO BANZO			
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE ECONÔMICA PRINCIPAL 94.30-9-00 - Atividades de associações de defesa de direitos sociais			
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS SECUNDÁRIAS 94.93-6-00 - Atividades de organizações associativas ligadas à cultura e à arte			
CÓDIGO E DESCRIÇÃO DA NATUREZA JURÍDICA 399-9 - OUTRAS FORMAS DE ASSOCIAÇÃO			
LOGRADOURO R LUIZ MARTINS SOARES SOBRINHO		NÚMERO 246	COMPLEMENTO
CEP 35.430-251	BAIRRO/DISTRITO BAIRRO DE FATIMA	MUNICÍPIO PONTE NOVA	UF MG
SITUAÇÃO CADASTRAL ATIVA		DATA DA SITUAÇÃO CADASTRAL 19/01/2007	
SITUAÇÃO ESPECIAL *****		DATA DA SITUAÇÃO ESPECIAL *****	

Aprovado pela Instrução Normativa RFB nº 568, de 8 de setembro de 2005.

Emitido no dia 12/02/2007 às 10:40:33 (data e hora de Brasília).

Fonte: ARQUIVO AQHB, Ponte Nova, sem data.

INTEGRANTES DA ASSOCIAÇÃO TOMANDO POSSE COMO MEMBROS DO CONSELHO MUNICIPAL PELA IGUALDADE RACIAL

A posse de mais quatro Conselhos Municipais

Neste 3/1, no auditório da Secretaria de Assistência Social/PN (Semas), o prefeito Taquinho Linhares (PSB) deu posse a 4 Conselhos Municipais: da Promoção da Igualdade Racial (CMPIS), de Assistência Social (CMAS), de Defesa dos Direitos da Pessoa Portadora de Deficiência (CMDPD) e de Desenvolvimento Econômico (CMDE). Os presidentes serão escolhidos na 1ª reunião ordinária de cada Conselho, ainda sem definição de datas.

Linhares fez extenso discurso, exaltando o 1º ano de sua Administração e acenando com "muita coisa boa para acontecer". Garantiu que exigirá dos presidentes uma agenda mínima de reuniões e relatórios mensais, "para melhorarmos as ações de nossa Administração. Vocês serão cúmplices das transformações de PN, que não são obras apenas do prefeito", disse ele. A dirigente da Semas, Soninha Guimarães, exaltou a importância do funcionamento dos Conselhos e o fato do setor ganhar, em 2006, um "orçamento tão justo". Integrante do CMDPD, João Paulo de Castro inquiriu o prefeito sobre as prioridades para os portadores de deficiência e Linhares acenou com "mecanismos de inclusão social e de acessibilidade".

A seguir, os Conselhos e seus integrantes/instituições:

CMDE - Prefeitura: Felipe Néri e Cristiano C. G. Pereira (titulares/T), José Roberto de Oliveira e Juliana P. Mayrink (suplentes/S); **Câmara:** José Anselmo B. Vasconcelos/T e José Mauro Raimundi/S; **Indústria:** Lúcio F. Romagnoli/T e João B. S. Fernandes/S; **Comércio:** Sérgio M. Cordeiro/T e Antônio M. Magalhaes Silva/S; **Agricultura:** Aloysio C. Graça/T e José C. Vilar/S; **Trabalhadores da Indústria:** Américo G. Evangelista/T e Ronaldo R. Capelete/S; **Trabalhadores da Agricultura:** Mauro A. Amaral/T e José Leomagnó/S; e **Trabalhadores do Comércio:** Ronaldo L. Domingues/T e Franco L. Oliveira/S.

CMDFD - Semas: Sônia R. Guimarães (efetiva/E) e Maria F. Oliveira (suplente/S); **Semas:** Zulmira A. A. Campos/E e Adriana A. Batista/S; **Semec:** Jaqueline C. C. Carvalho/E e Imaculada B. Cária/S; **Câmara:** Paulo R. Santos/E e Antônio B. Araújo/S; **Apae:** Vânia M. T. L. M. Santos/E e João P. Castro/S; **Grupo da Fraternidade Espírita Irmão Fritz:** Maria J. Silva/E e Alzira M. S. Pereira/S; **SSVP:** Erlenc C. Guilherme/E e Beijamar J. Silva/S; e **Associação dos Portadores de Deficiência Física:** Rigles T. Soares/E e Érika C. Pacheco/S.

CMPIS - Semas: Sônia R. Guimarães/T e Paulo A. Batista/S; **Segep:** Carla R. Castro/T e Ana C. R. Santos/S; **Semsa:** Gianni C. P. Fernandes/T e Pedro P. Ferreira/S; **Semec:** Alessandra R. Gomes/T e Carlos A. Silva/S; **Divisão Municipal de Cultura:** Neli G. Souza; **Semfa:** José R. Oliveira/T e Maria J. C. G. Pereira/S; **Seama:** Edson S. Leite Jr/T e Sandra M. M. Neves/S; **Sedru:** José E. M. Cerqueira/T e Giovana E. Santos/S; **Semob:** Sônia M. Alves/T e Mara S. S. Guimarães Castro/S; **Polícia Civil:** Marco A. N. Antônio; **Polícia Militar:** Sérgio L. Nascimento/T e Marcus V. Pimenta/S; **Poder Judiciário:** Silvana F. Oliveira/T e Sheila A. F. F. Salomé/S; **Grupo União Rosário Congo Mãe Quininha:** Maria T. Silva/T e Jurema J. Santos/S; **Família Beijo:** Eva F. S. Santos/T e Maria C. G. Cipriano/S; **Cooperativa Afro Retalharia:** Rosângela A. L. Santos/T e Maria C. Assunção/S; **Capoeira Artes das Gerais:** Almir F. Barros/T e Raphael D. Oliveira/S; **Capoeira Arte Malícia:** Mauro C. Manião/T e Marcelo O. Félix/S; **Capoeira Quilombo do Queimado:** Leandro L. Costa/T e João B. Pereira Jr./S; **Capoeira União:** Geraldo F. Paixão/T e José T. Souza Jr./S; **Herdeiros do Banzo:** Maria A. F. C. Souza/T e Carlos R. Silva/S; **Grupo Afro Ganga Zumba:** Arlindo Marcos/T e Márcia M. Castro/S; **Grupo de Cantoria:** José E. Santos/T e Maria G. Hipólito/S; **Quilombo do Banzo:** Jaime F. Mathias/T e Lúcia S. Alves/S; e **Grupo Zimbabue:** Cleunice E. S. Santos/T e Martinha D. M. Gomes/S.

CMAS - Semas: Sônia R. Guimarães/T, Maria F. Oliveira/T, Maria L. C. P. Faria/S e Raquel R. C. Bácia/S; **Semec:** Eugênia G. Ottoni/T, Vânia S. D. Ferreira/T, Neuza N. L. Silva/S e Adeline F. Gama/S; **Semsa:** Sandra R. B. Guimarães/T e Maria H. R. Oliveira/S; **Semfa:** Maria J. C. G. Pereira/T e Jane O. Santos/S; **Fundação Menino Jesus/APPC:** Isabel C. M. Hermeceglão/T e Sandra R. S. Gregório/S; **Cetervidas:** Ana V. Gomes/T e Fabricia C. Ventura/S; **Associação do Bairro São Judas Tadeu:** Maria I. Rodrigues/T e José I. Carvalho/S; **Grupo de Apoio Comunitário:** Marilda da Silva/T e Antônio J. Oliveira/S; e **Assistentes Sociais:** Maria G. Lima/T, Karine C. Miguel/T, Zulmira A. A. Campos/S e Gianni C. P. Fernandes/S.



Integrantes do Conselho de Assistência Social



Grupo de conselheiros de Desenvolvimento Econômico com o prefeito (seta)



O inédito Conselho pela Igualdade Racial terá metas de inclusão social



O Conselho dos Portadores de Deficiência. João Paulo (destaque) pediu prioridade, na condição de assistido pela Apae

Fonte: FOLHA DE PONTE NOVA, Ponte Nova, 6 de Janeiro de 2006

DESTAQUES DA ASSOCIAÇÃO NOS JORNAIS DE PONTE NOVA



Maria do Carmo, Dodora, Conceição, Érica, Marlene e Rosângela, na abertura da mostra no BB

Colchas de retalhos expostas no BB, atração que vai até 28/1

Integrantes da Cooperativa Retalharte, do bairro de Fátima, expõem até 28/1, no espaço cultural instituído pela Agência/PN do Banco do Brasil, colchas de retalhos e de "fuxico" confeccionadas na Casa Ganga Zumba. Segundo a coordenadora Rosângela Lisboa Santos, as colchas de retalho ficam prontas em uma semana. Já as de "fuxico", com "panos mais trabalhados", demoram cerca de três meses.

Além de Rosângela, estas mulheres confeccionam os trabalhos: Conceição Lisboa, Marlene Pinto da Paixão Santos, Érica Catarino da Ascensão e Maria do Carmo Ascensão. Algumas peças já foram vendidas para outros estados e até para o exterior, "enfeitando uma casa na Flórida (EUA)", como informa Conceição. O grupo trabalha de 14h às 17h, na Casa Ganga Zumba, recebendo encomendas pelo telefone 3881-8675.

A Cooperativa funciona há 10 meses, numa iniciativa apoiada pela pedagoga e agente de pastoral Dodora Costa. Segundo Dodora, os vários tipos de retalhos são obtidos nas empresas de confecções da cidade. Mas há dificuldade de expansão do projeto pela falta de patrocínio para comprar equipamentos e, por tabela, incorporar mais pessoas na confecção, que precisa também de local mais amplo.

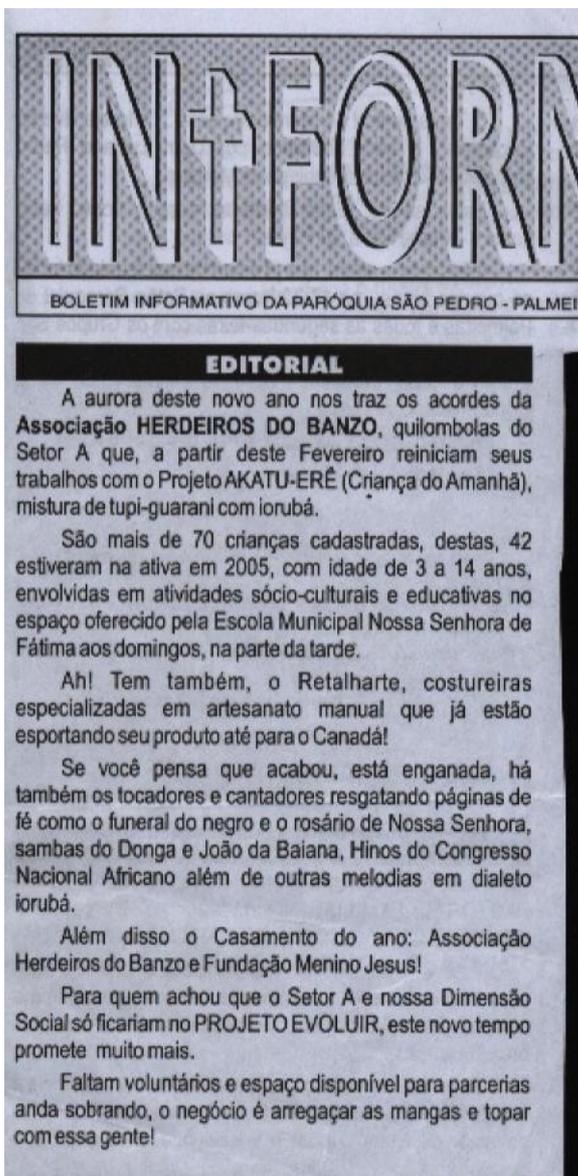
Logo no início da mostra, em 17/1, as integrantes da Retalharte ficaram sabendo através do gerente de Contas do BB, Jorge Luiz da Silva, sobre a possibilidade de se avaliar projeto de custeio para ampliação do projeto, via Fundação Banco do Brasil. A Fundação tem meta de mobilizar, articular e gerir ações auto-sustentáveis de transformação social, "focadas" nas áreas de educação e cultura e geração de trabalho e renda.

Fonte: FOLHA DE PONTE NOVA, Ponte Nova, 21 de Janeiro de 2005



Fonte: FOLHA DE PONTE NOVA, Ponte Nova, 17 de março de 2006

FRAGMENTOS QUE FALAM SOBRE O DIÁLOGO ENTRE A IGREJA E A ASSOCIAÇÃO



INFORM

BOLETIM INFORMATIVO DA PARÓQUIA SÃO PEDRO - PALMEIRA

EDITORIAL

A aurora deste novo ano nos traz os acordes da **Associação HERDEIROS DO BANZO**, quilombolas do Setor A que, a partir deste Fevereiro reiniciam seus trabalhos com o Projeto AKATU-ERÉ (Criança do Amanhã), mistura de tupi-guarani com iorubá.

São mais de 70 crianças cadastradas, destas, 42 estiveram na ativa em 2005, com idade de 3 a 14 anos, envolvidas em atividades sócio-culturais e educativas no espaço oferecido pela Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima aos domingos, na parte da tarde.

Ah! Tem também, o Retalharte, costureiras especializadas em artesanato manual que já estão esportando seu produto até para o Canadá!

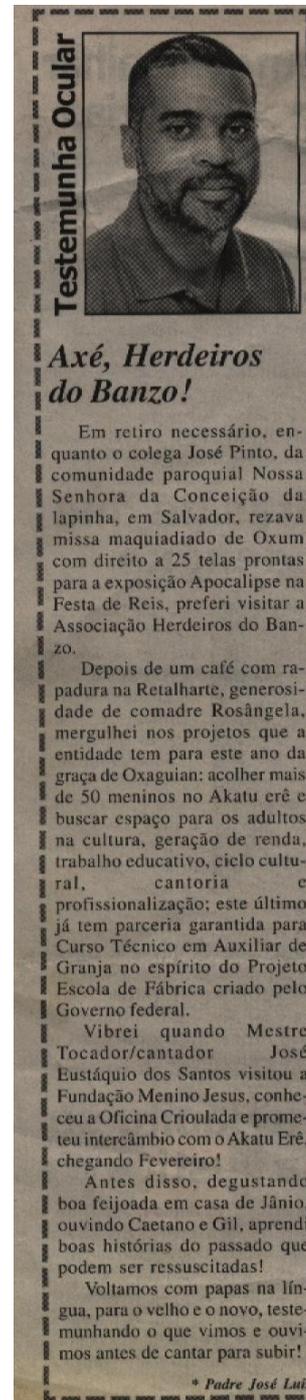
Se você pensa que acabou, está enganada, há também os tocadores e cantadores resgatando páginas de fé como o funeral do negro e o rosário de Nossa Senhora, sambas do Donga e João da Baiana, Hinos do Congresso Nacional Africano além de outras melodias em dialeto iorubá.

Além disso o Casamento do ano: Associação Herdeiros do Banzo e Fundação Menino Jesus!

Para quem achou que o Setor A e nossa Dimensão Social só ficaríamos no PROJETO EVOLUIR, este novo tempo promete muito mais.

Faltam voluntários e espaço disponível para parcerias anda sobrando, o negócio é arregañar as mangas e topar com essa gente!

Fonte: BOLETIM INFORMATIVO DA PARÓQUIA SÃO PEDRO, Ponte Nova, sem data.



Testemunha Ocular



Axé, Herdeiros do Banzo!

Em retiro necessário, enquanto o colega José Pinto, da comunidade paroquial Nossa Senhora da Conceição da lapinha, em Salvador, rezava missa maquiado de Oxum com direito a 25 telas prontas para a exposição Apocalipse na Festa de Reis, preferi visitar a Associação Herdeiros do Banzo.

Depois de um café com rapadura na Retalharte, generosidade de comadre Rosângela, mergulhei nos projetos que a entidade tem para este ano da graça de Oxaguian: acolher mais de 50 meninos no Akatu eré e buscar espaço para os adultos na cultura, geração de renda, trabalho educativo, ciclo cultural, cantoria e profissionalização; este último já tem parceria garantida para Curso Técnico em Auxiliar de Granja no espírito do Projeto Escola de Fábrica criado pelo Governo federal.

Vibrei quando Mestre Tocador/cantador José Eustáquio dos Santos visitou a Fundação Menino Jesus, conheceu a Oficina Crioulada e prometeu intercâmbio com o Akatu Eré, chegando Fevereiro!

Antes disso, degustando boa feijoada em casa de Jânio, ouvindo Caetano e Gil, aprendi boas histórias do passado que podem ser ressuscitadas!

Voltamos com papas na língua, para o velho e o novo, testemunhando o que vimos e ouvimos antes de cantar para subir!

** Padre José Luiz*

Fonte: JL NOTÍCIAS, Ponte Nova, 27 de Janeiro de 2006.